



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO MUSICAL
CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA

OCTAVIO SOARES DE OLIVEIRA

**“OS QUATRO LOUCOS”: a trajetória de um fenômeno do rock paraibano através da
história oral**

**JOÃO PESSOA
2024**

OCTAVIO SOARES DE OLIVEIRA

“OS QUATRO LOUCOS”: a trajetória de um fenômeno do rock paraibano através da história oral

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Música – Práticas Interpretativas / Baixo elétrico – da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em Música.

Orientadora: Profa. Dra. Josélia Ramalho Vieira

JOÃO PESSOA
2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

048q Oliveira, Octavio Soares de.
Os Quatro Loucos: a trajetória de um fenômeno do
rock paraibano através da história oral / Octavio
Soares de Oliveira. - João Pessoa, 2024.
89 f. : il.

Orientação: Josélia Ramalho Vieira.
TCC (Graduação) - UFPB/CCTA.

1. Música (Licenciatura) - TCC. 2. Os Quatro Loucos
(1960) - Rock - Paraíba. 3. Rock paraibano. 4. Rock -
Paraíba - História oral. I. Vieira, Josélia Ramalho.
II. Título.

UFPB/CCTA CDU 78:37(043.2)

OCTAVIO SOARES DE OLIVEIRA

“OS QUATRO LOUCOS”: a trajetória de um fenômeno do rock paraibano através da história oral

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Música – Práticas Interpretativas / Baixo Elétrico – da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em Música.

Aprovado em: 16/05/2024

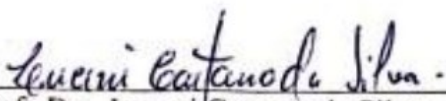
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Josélia Ramalho Vieira (Orientadora)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)



Prof. Dr. Fábio Henrique Gomes Ribeiro
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)



Prof. Dra. Luceni Cactano da Silva
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Aos meus pais, com amor, gratidão e muitas saudades.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por estar sempre comigo.

À minha mãe Alice Soares (*in memoriam*), que sempre esteve ao meu lado.

Ao meu pai Elisio Júnior (*in memoriam*), por seus ensinamentos.

Aos meus avós Enaldo Soares (*in memoriam*) e Violeta Soares (*in memoriam*),
Elisio Alexandrino (*in memoriam*) e Alaíde Miranda (*in memoriam*).

Aos meus irmãos Elisio Neto e Anna Violeta.

Aos meus filhos Caio e Arthur.

À minha esposa Viviane Lima.

Às minhas tias Cecília, Sânia, Bebeta, Sandra (*in memoriam*), Cacá, Betânia, e
Diana Miranda.

Aos meus tios Paulo Ditarso, Floriano (*in memoriam*) e Henry (*in memoriam*).

Aos meus primos e primas, sobrinhos e sobrinhas.

À professora Josélia por despertar em mim o desejo de desenvolver este tema,
pela dedicação ao projeto e pela excepcional orientação.

Aos professores do Curso de Música da UFPB, em especial, Vanildo Mousinho,
Fabinho, Ticiano, Maura Penna, Jorge Castor, Juciane, Luceni Caetano, Eduardo Nóbrega
e Xisto Medeiros, que contribuíram ao longo desses semestres para a minha aprendizagem
e para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

A Matteo Ciachi, pelas contribuições.

A todas as pessoas que contribuíram para a realização deste projeto.

RESUMO

Este estudo buscou compreender a história do rock na Paraíba, através da trajetória do conjunto musical “Os Quatro Loucos”, um dos primeiros fenômenos musicais do estado. Investigamos como o contexto histórico, político e cultural dessa década moldou não apenas a cena musical, mas também a própria identidade da cidade de João Pessoa. Utilizamos a metodologia da História Oral, através da coleta de depoimentos de grande relevância, concedidos por músicos, familiares e amigos que testemunharam ou atuaram ativamente nesse processo histórico. E também, como apoio analítico, do relato pessoal do autor, filho de ex-integrantes e, portanto, parte da história. Os resultados demonstram que, de fato, o grupo foi marcante e influenciou a vida musical da cidade de João Pessoa e também dos seus integrantes, à exemplo de Zé Ramalho e Vital Farias, que seguiram carreira e alcançaram o sucesso musical, a nível nacional. Outro resultado da pesquisa é a constatação que todos os entrevistados acreditam na efetiva influência na musicalização informal das famílias Miranda e Soares, a partir do contato diário com ensaios e do sucesso do grupo. Os dados apontam que a primeira formação do grupo teve Golinha (bateria), Floriano Miranda (baixo e vocal), Vital Farias (violão e vocal) e Lindolfo (vocal). Demais dados indicam diversas outras formações, com destaque para a última, com Alice Soares, nos teclados.

Palavras-Chave: Os Quatro Loucos; década de 1960; rock na Paraíba; história oral.

ABSTRACT

This study sought to understand the history of rock in Paraíba, through the trajectory of the musical group “Os Quatro Loucos”, one of the first musical phenomena in the state. We investigated how the historical, political and cultural context of that decade shaped not only the music scene, but also the identity of the city of João Pessoa. We use the Oral History methodology, through the collection of highly relevant testimonies, given by musicians, family members and friends who witnessed or actively participated in this historical process. And also, as analytical support, the personal account of the author, son of former members and, therefore, part of the story. The results demonstrate that, in fact, the group was remarkable and influenced the musical life of the city of João Pessoa and also of its members, such as Zé Ramalho and Vital Farias, who continued their careers and achieved musical success on a national level. Another result of the research is the observation that all interviewees believe in the effective influence on the informal musicalization of the Miranda and Soares families, based on daily contact with rehearsals and the success of the group. The data indicates that the group's first formation had Golinha (drums), Floriano Miranda (bass and vocals), Vital Farias (guitar and vocals) and Lindolfo (vocals). Other data indicates several other formations, with emphasis on the last one, with Alice Soares, on keyboards.

Keywords: Os Quatro Loucos band; 1960s; rock in Paraíba; oral history.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1– Local de fundação do conjunto	20
Figura 2 – Baixo triangular produzido em João Pessoa	20
Figura 3 – “Os Quatro Loucos”: Vital Farias, Enilton, Golinha e Floriano	21
Figura 4 –Floriano, Dedé, Golinha e Zé Ramalho com Carlos Aranha (sentados)	23
Figura 5 – Celebração da vitória em concurso entre bandas	24
Figura 6 – Centro de João Pessoa no final da década de 1950	25
Figura 7 – Alicinha tocando acordeon.....	27
Figura 8 – Alicinha e Golinha em baile de debutantes.....	28
Figura 9 – Alicinha e sua moto.....	28
Figura 10 – Alice Soares	30
Figura 11 – Golinha, Alicinha e seus filhos (Elisio Neto, Anna Violeta e Octavio).....	31
Figura 12 – Capa do primeiro disco autoral	32
Figura 13 – Capa do álbum Levanta Brasil com dedicatória do meu pai.....	32
Figura 14 – Golinha, sinônimo de carisma.....	33
Figura 15 – Uma das primeiras formações: Golinha (atrás), Floriano, Rafael e Vital.	37
Figura 16 – Vital Farias e Octavio.....	38
Figura 17 – Uma das principais formações dos “Os Quatro Loucos”:.....	40
Figura 18 – Floriano, Golinha, Roberto Carlos, Zé Ramalho e Dedé com Roberto Carlos	44
Figura 19 – Hugo Leão	46
Figura 20 – Reencontro: Golinha (sentado), Hugo Leão, Floriano e Enílton	50
Figura 21 – Diágoras Jr, Golinha, Marcos Paiva, Hugo Leão, Enílton e Floriano	51
Figura 22 – Poty Lucena e Octavio Soares	52
Figura 23 – Cecília Miranda.....	59
Figura 24 – Sânia Miranda	60
Figura 25 – Sânia e Octavio	61
Figura 26 – Paulinho Ditarso.....	63
Figura 27 – Diana Miranda.....	66
Figura 28 – Capa do CD de Diana Miranda	68
Figura 29 – Elisio Neto.....	69
Figura 30 – Eu, Zé Ramalho e meu irmão Elisio Neto.....	70
Figura 31 – Pai e filhos juntos no palco (Octavio, Golinha e Elisio)	71
Figura 32 – Eu, Golinha e Elisio	72
Figura 33 – Carlos Lira e Octavio	73
Figura 34 – Eduardo Nóbrega	75
Figura 35 – Um dos primeiros registros do conjunto “Os Quatro Loucos”	79
Figura 36 – “Os Quatro Loucos” recebem premiação.....	80
Figura 37 – Golinha (em pé), Floriano, Vital Farias e Hugo Leão.....	80
Figura 38 – Formação com Vital, Enílton, Golinha e Floriano.....	81
Figura 39 – Formação com Golinha, Dedé, Zé Ramalho e Floriano.....	82
Figura 40 – Formação com Zé Ramalho, Golinha, Floriano e Diágoras.....	82
Figura 41 – Formação com Golinha, Poty Lucena, Floriano e Alicinha.....	83
Figura 42 – Homenagem ao conjunto “Os Quatro Loucos”, o autor representando o pai	85

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	110
1.1	APRESENTAÇÃO DA PESQUISA	111
1.2	A ASCENSÃO DA CULTURA JOVEM NOS ANOS 1960	112
1.3	METODOLOGIA	115
1.3.1	Escolha dos participantes	116
1.3.2	Técnicas de coletas de dados	117
2	“OS QUATRO LOUCOS”	119
2.1	DADOS HISTÓRICOS.....	125
2.2	REPERTÓRIO E PROJEÇÃO.....	126
2.3	MEUS PAIS	126
2.3.1	O pioneirismo e protagonismo de Alice Soares	127
2.3.2	Golinha	131
3	“OS QUATRO LOUCOS” ATRAVÉS DA HISTÓRIA ORAL.....	134
3.1	EX-INTEGRANTES REMEMORAM “OS QUATRO LOUCOS”.....	134
3.1.1	Vital Farias.....	135
3.1.2	Zé Ramalho	142
3.1.3	Hugo Leão	146
3.1.4	Poty Lucena	152
3.2	“OS QUATRO LOUCOS” ATRAVÉS DA MEMÓRIA FAMILIAR.....	155
3.2.1	Cecília Miranda	156
3.2.2	Sânia Miranda	159
3.2.3	Paulinho Ditarso	163
3.2.4	Diana Miranda.....	165
3.2.5	Meu Irmão Elisio e Eu	169
3.3	“OS QUATRO LOUCOS” ATRAVÉS DA MEMÓRIA DOS SEUS CONTEMPORÂNEOS	173
3.3.1	Carlos Lira	173
3.3.2	Eduardo Nóbrega	175
4	DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	179
	REFERÊNCIAS	186
	APÊNDICE A – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	187
	ANEXO – MATÉRIA DO JORNAL CORREIO DA PARAÍBA DE 1968	189

1 INTRODUÇÃO

Considerado o primeiro conjunto musical da Paraíba (no gênero musical Rock) a se apresentar profissionalmente, “Os Quatro Loucos” tornou-se uma das bandas mais relevantes do estado entre os anos de 1960 e 1970, embalando os grandes eventos sociais, em uma época caracterizada pelas festas realizadas nos grandes clubes de João Pessoa e das principais cidades paraibanas.

O presente trabalho tem como objeto de estudo o conjunto musical. Como esta banda de rock dos anos 1960 influenciou a cena musical paraibana e a musicalização nas famílias Miranda e Soares? A partir dessas questões de pesquisa surge o meu objetivo geral: investigar a trajetória do conjunto musical “Os Quatro Loucos” a partir da história oral de ex-integrantes e contemporâneos.

Para atingir tal fim, teremos os seguintes objetivos específicos: a) contextualizar o grupo musical no seu tempo histórico e cultural na cidade de João Pessoa; b) identificar as diversas formações do conjunto musical; c) compreender sua influência no cenário musical paraibano; d) identificar a herança musical deixada como legado na família Miranda, dos irmãos Floriano e Elísio Jr. (mais conhecido como Golinha), idealizadores da banda, assim como na família Soares, de sua tecladista Alice.

Entrevistamos 10 sujeitos, durante os meses de fevereiro e abril de 2024.

Abordamos aqui, as diferentes formações da banda, a polêmica sobre a formação inicial, a passagem de grandes talentos como Zé Ramalho e Vital Farias, e quais foram os últimos integrantes da banda. Além disso, tentamos identificar o que motivou a dissolução do grupo.

O interesse neste trabalho surgiu a partir de minha própria história de vida, como segundo filho dos músicos Golinha e Alice Soares, ex-integrantes do conjunto “Os Quatro Loucos”. Cresci em meio a esse ambiente musical e artístico familiar, ouvindo relatos de fatos ocorridos, tendo livre acesso a dezenas de álbuns com fotografias históricas, ouvindo os muitos discos de vinil que decoravam as prateleiras dos móveis de nossa casa, observando ensaios e convivendo com muita musicalidade.

Durante minha adolescência, esse DNA musical falou mais alto e me tornei também mais um músico dessa família, assim como o meu irmão, o guitarrista, cantor e compositor

Elísio Neto. Despretensiosamente, estamos dando continuidade a uma história musical iniciada há mais de 70 anos.

Com o falecimento precoce do meu pai, aliado à morte do meu tio Floriano Miranda, vítima da Covid-19 e, mais recentemente, à perda da minha mãe, vítima de câncer, percebi que uma história musical de tamanha relevância não poderia cair no esquecimento e que é preciso disponibilizá-la às futuras gerações.

Foi neste contexto que surgiu a motivação para explorar este tema, ou seja, utilizar o meu trabalho de conclusão de curso de licenciatura em música para investigar, através do método da história oral, a trajetória e o legado da banda “Os Quatro loucos”.

1.1 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

Como dito anteriormente, o objeto de estudo é a trajetória do conjunto musical “Os Quatro Loucos”, fundado em João Pessoa na década de 60 pelos irmãos Floriano Miranda (contrabaixo e voz) e Golinha (bateria e voz), tendo, como objetivo geral, investigar a trajetória do conjunto musical “Os Quatro Loucos” a partir da história oral de ex-integrantes, familiares e contemporâneos.

Este trabalho está organizado da seguinte forma: na primeira parte, apresento uma revisão de literatura, explico e justifico a metodologia implementada em minha pesquisa. Em seguida, comento sobre a escolha dos participantes e como foram coletados os dados.

Na sequência, apresento o conjunto musical “Os Quatro Loucos”, abordando o contexto histórico e cultural do seu período de criação e atuação no estado, seu repertório e projeção e falo sobre o papel exercido pelos meus pais nesta história.

Nos capítulos seguintes, exploro o tema “Os Quatro Loucos” através da memória de ex-integrantes, familiares e contemporâneos, expondo o perfil dos entrevistados e transcrevendo seus respectivos depoimentos.

Nestes depoimentos, abordaremos a relevância e a influência do grupo na cena musical paraibana, além da musicalização familiar ocorrida nas famílias Miranda e Soares, por consequência de uma herança musical deixada como legado pelos fundadores da banda.

1.2 A ASCENSÃO DA CULTURA JOVEM NOS ANOS 1960

Autores como Groppo (2000) e Abramo (1994, p. 07), compartilham de uma visão da juventude como uma categoria social.

Os veículos de imprensa da década de 1960 noticiavam sobre o ideal da juventude daquele período:

[...] para aqueles veículos, ser jovem era essencial, reafirmando a necessidade de uma diferenciação geracional por parte dos jovens e, também, o caráter universal da juventude como reveladora de novidades, símbolo de mudanças, de uma “modernidade” que se anunciava, mas que, ao mesmo tempo, revela suas singularidades, suas diferenças nos perfis dos jovens agentes dos movimentos (Pederiva, 2004, p. 16).

A mesma autora também afirma que:

A década de 60 está sendo pensada, portanto, como um processo amplo e múltiplo de constituição de sujeitos sociais e históricos, com diferentes especificidades, influenciados pelo meio social, pelo contexto histórico em que estão inseridos, capazes de apreender e transformar aspirações, desejos, sonhos, práticas, representações, compreendendo e dando sentido ao mundo (Pederiva, 2004, p. 35).

De acordo com Ramos (2009), “o nascimento de uma cultura juvenil só se deu na década de 50 do séc. XX, já que foram nestes anos que a cultura de massa passou a ser observada como uma realidade irrestrita assim como a “produção” massiva de bens culturais voltados ao mercado jovem”.

Para Brandão e Duarte (1995), “só a partir do surgimento do Rock and Roll é que, efetivamente se notará a caracterização de uma cultura jovem”.

Ramos (2009) considera o jovem como um dos diversos sujeitos sociais que dão vida à História e escreveu um artigo demonstrando preocupação em “dar visibilidade ao jovem enquanto sujeito social, político, histórico e que, por isso mesmo, responde às demandas de seu tempo e da localidade onde está inserido e que, sendo assim, está em constante transformação”.

O advento do Rock ‘n’ Roll nos EUA na década de 50 pode ser considerado uma revolução na tradição juvenil seguida até ali. Foi a partir dele que o mundo passou a assistir à profundas mudanças emergidas dos sujeitos sociais juvenis que o aderiram e, daquele momento em diante, passariam a não aceitar mais viver à sombra de seus pais ou de modelos sociais pré-estabelecidos, como costumava ser até então. Boa parte desses jovens pré-rock ‘n’ roll não tinham visibilidade como tal. Na indumentária, no modo de ser, agir e pensar imitavam os adultos e quase sempre reproduziam os seus modos de ver o mundo e interferir nele (Ramos, 2009, p. 3).

Após a segunda guerra mundial, os Estados Unidos vivenciaram um período de grande êxito econômico e o surgimento de um estilo de vida baseado em consumismo, que foi imortalizado e exportado para o mundo através da indústria do cinema. O Rock n`roll foi associado a este novo estilo de vida, primeiramente com o sucesso de Bill Halley e sua canção “Rock around the clock”, trilha sonora de um filme homônimo, que levaria o estilo juvenil roqueiro norte-americano a quase todo o mundo. No Brasil, ainda na década de 50, a música ganhou versão em português na voz de Nora Ney, como trilha sonora do filme “Ao balanço das horas”.

A consolidação do Rock nos Estados Unidos ocorreu através do impacto causado por Elvis Presley, com seu timbre de voz aveludado e um jeito sensual de dançar que escandalizou a sociedade norte-americana.

Segundo Ramos (2009), “Elvis foi um dos “produtos” explorados e trabalhados pelo mercado fonográfico para dar maior visibilidade ao ritmo nascente”. Ramos (2009) afirma ainda que características físicas do artista foram essenciais para o sucesso atingido: “Branco, bonito e carismático, emplacou uma carreira de sucesso que fez com que a “digestão” do novo ritmo fosse facilitada para a sociedade americana e mundial”.

No Brasil, o surgimento da Bossa Nova, na Zona sul do Rio de Janeiro, também representava uma renovação cultural, porém, muitos jovens não se sentiam conectados àquelas harmonias sofisticadas e àquele ritmo que mesclava o jazz com o samba.

Sousa (2022) afirma que: “[...] nos subúrbios da mesma cidade, havia jovens que estavam mais antenados ao rock de Elvis Presley, Ritchie Valens, dos Beatles e dos Rolling Stones”. Para o autor, esses artistas representaram uma grande mudança, através de seus comportamentos extravagantes e de uma formação musical que passou a ser utilizada também pelos conjuntos de baile da época:

O material usado eram amplificadores valvulados para guitarra, baixo, bateria e vozes. No início, geralmente a percussão era apenas pandeirola. Cada conjunto tinha seus trajes pessoais padronizados, muitas vezes ternos formais, outros mais leves, que indicavam a personalidade do grupo musical. (Sousa, 2022, p.4)

Somente em 1959 o Rock brasileiro chegou ao sucesso, com a grande repercussão da canção “Estúpido Cupido” gravada por Celly Campelo. Ramos (2009) afirma que: “A partir desta canção, surge o primeiro ídolo de rock’n roll no Brasil, curiosamente uma mulher. Mesmo assim, o público amante do novo ritmo ainda era bastante restrito no país, o que só seria alterado na década seguinte com a Jovem Guarda”.

A Jovem Guarda inaugurou o que se pode chamar de uma “cultura roqueira” no país, no sentido estilístico do termo. As gírias, as roupas, os cabelos eram moldados pelos fãs conforme os modelos usados pelos ídolos produzidos pelo “iê-iê-iê”, como ficara conhecido o rock’n roll em seu início no Brasil, devido ao sucesso da canção “She loves you” dos Beatles que completava o seu refrão com “yeah, yeah, yeah”. (Ramos, 2009, p.10-11)

Segundo Pederiva (2004), “refletir sobre a década de 60 e os jovens no campo musical leva-nos a pensar sobre a oralidade e a valorizá-la como fonte de pesquisa, como registro do momento histórico”.

É neste contexto que pretendemos analisar, em esfera regional, a influência artística e comportamental ocorrida no estado da Paraíba, através da trajetória do conjunto musical “Os Quatro Loucos”, fundado em João Pessoa na década de 1960 por um grupo de jovens paraibanos.

Não se pretende aqui atribuir a estes jovens a autoria de uma sonoridade ou de um gênero musical, pois compreendemos que ocorreu no período uma grande corrente de transformações socioculturais ao redor do mundo, entre elas, o surgimento de novas tendências musicais e de grandes artistas que revolucionaram a história da música em um nível global.

[...] a juventude é situação histórico-social e representação sociocultural, é uma criação dos grupos sociais, tornando-se uma situação vivida em comum por algumas pessoas (características universais), mas também possui

distinções levando em consideração o gênero, a classe, a etnia e o espaço (características particulares). (Pederiva, 2004, p. 35)

É possível afirmar que “Os Quatro Loucos” foram responsáveis por regionalizar estas transformações, introduzindo e disseminando a cultura do Rock na sociedade paraibana? Trazendo mais uma vez nossa questão de pesquisa, após esta contextualização, buscamos compreender como esta banda de rock dos anos 1960 influenciou a cena musical paraibana e desencadeou a musicalização nas famílias Miranda e Soares.

Seguimos apresentando a metodologia que nos permitiu aprofundar o conhecimento sobre este fenômeno paraibano a partir da visão dos seus contemporâneos.

1.3 METODOLOGIA

Para compreender a profundidade dessas transformações, é crucial adotar a metodologia da história oral, que nos permite dar voz à personagens que vivenciaram esse contexto e, desta maneira, reconstituir fatos históricos através de suas experiências individuais.

De acordo com Ferreira (1994), os depoimentos orais podem servir não apenas a objetivos acadêmicos, como constituir-se em instrumentos de construção de identidade e de transformação social.

A História Oral é um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana, com objetivo de criar fontes históricas para o estudo da história contemporânea.

De acordo com Thompson (1998), o uso difundido da expressão história oral é algo recente como o gravador, mas na realidade, a história oral é tão antiga quanto a própria história, sendo inclusive, a primeira espécie de história.

Essa metodologia ganhou destaque em meados do século XX, após a invenção do gravador e da fita e baseia-se na realização de entrevistas gravadas com atores e testemunhas do passado.

A partir da virada das décadas de 1970-1980, apresentou-se um novo quadro na pesquisa histórica: temas contemporâneos foram incorporados à história (não mais reservada apenas ao estudo de períodos mais remotos); valorizou-se a análise qualitativa; experiências individuais passaram a ser vistas como importantes para a compreensão do passado [...]. O relato pessoal (e a

entrevista de história oral é basicamente um relato pessoal) transmite uma experiência coletiva, uma visão de mundo tornada possível em dada sociedade (Alberti, 2000, p. 1-2).

A história oral é uma metodologia de pesquisa e coleta de dados que nos permite resgatar acontecimentos históricos, através de depoimentos de pessoas que vivenciaram tais momentos e que se dispõem a narrar suas experiências individuais em prol da construção de uma memória coletiva baseada em fatos reais.

[...] O resgate de depoimentos orais permite explorar a vida cotidiana e privada de pessoas de um determinado grupo social, tornando possível ao pesquisador estabelecer uma relação entre a história, as trajetórias, a cultura e as experiências no campo artístico. (Pederiva, 2004, p.48)

Em seu livro sobre abordagens e usos na história oral, Ferreira (1994) já destacava a ampliação considerável de trabalhos, com grande número de depoimentos editados e pesquisas históricas que utilizam, como fonte, material coletado por meio de entrevistas orais. A autora afirma ainda que:

As transformações que têm marcado o campo da história, abrindo espaço para o estudo do presente, do político, da cultura, e reincorporando o papel do indivíduo no processo social, vêm, portanto, estimulando o uso das fontes orais e restringindo as desconfianças quanto à utilização da história oral. (Ferreira, 1994, p.10)

Apresentamos, a seguir, os critérios adotados no processo de escolha dos sujeitos participantes da pesquisa.

1.3.1 Escolha dos Participantes

O critério de inclusão levou em conta sujeitos que tiveram participação efetiva como membros ou contemporâneos da banda e aceitaram dar entrevistas. Uma vez selecionados, as entrevistas foram realizadas com personagens ativos nesta trajetória, incluindo ex-integrantes da banda, familiares e contemporâneos que se tornaram músicos, caracterizando 4 categorias, desde que aceitos os termos de consentimento livre e esclarecido.

- 1. Contemporâneos membros (ex-integrantes do conjunto)
- 2. Familiares contemporâneos
- 3. Familiares não contemporâneos
- 4. Contemporâneos não-membros (músicos)

Os participantes foram:

- 1. Contemporâneos membros (ex-integrantes do conjunto): Vital Farias, Zé Ramalho, Hugo Leão e Poty Lucena
- 2. Familiares contemporâneos: Cecília Miranda, Paulo Ditarso, Sânia Miranda e Diana Miranda (irmãos de Floriano e Golinha)
- 3. Familiares não contemporâneos: Elísio Neto e o autor (Filhos de Golinha e Alicinha)
- 4. Contemporâneos não-membros: Carlos Lira e Eduardo Nóbrega (músicos)

1.3.2 Técnicas de coletas de dados

Os instrumentos de coleta foram: a) Entrevistas baseadas na memória gravadas em áudio e vídeo; b) Depoimento enviado por mensagem de áudio; c) Acervos fotográficos e; d) Documentos, recortes de jornais.

Na fase de coleta de evidências, foi aplicada uma pesquisa qualitativa, com a realização de entrevistas flexíveis, no formato semiestruturado (ver Apêndice), com objetivo de registrar depoimentos de ex-integrantes, familiares e contemporâneos do período de atuação da banda “Os Quatro Loucos”.

Estas entrevistas foram registradas através de gravações de áudio e vídeo, com realização de backups e, posteriormente, de transcrições dos depoimentos coletados, análise de dados e elaboração de textos. Conforme podemos constatar, esta coleta foi realizada de 27/02/2024 a 26/04/2024 (Quadro 1).

Quadro 1 – Coleta de dados

Entrevistas	Arquivos relacionados	Notas
Hugo Leão	Gravação de áudio e vídeo	Entrevista realizada por chamada de vídeo em 27/02/2024

Entrevistas	Arquivos relacionados	Notas
Carlos Lira	Gravação de áudio	Entrevista presencial realizada em 29/02/2024
Zé Ramalho	Depoimento em áudio	Mensagem de voz enviada pelo artista em 05/03/2024 através do aplicativo WhatsApp
Cecília Miranda	Gravação de áudio	Entrevista presencial realizada em 05/03/2024
Poty Lucena	Gravação de áudio	Entrevista presencial realizada em 13/03/2024
Sânia Miranda	Gravação de áudio e vídeo	Entrevista realizada por chamada de vídeo em 09/04/2024
Eduardo Nóbrega	Depoimento em áudio	Depoimento enviado por mensagens de voz em 04/04/2024
Vital Farias	Gravação de áudio	Entrevista presencial realizada em 07/04/2024
Diana Miranda	Gravação de áudio	Entrevista presencial realizada em 19/04/2024
Paulo Ditarso	Gravação de áudio	Entrevista realizada por chamada de vídeo em 22/04/2024
Elisio Neto	Gravação de áudio	Entrevista realizada por chamada de vídeo em 26/04/2024

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

As transcrições e análise dos dados foram realizados de 10/04/2024 a 01/05/2024.

Antes de cada entrevista, houve um esclarecimento sobre o quê se tratava a pesquisa, de modo que, após concordar com os termos e estando livre e esclarecido, o sujeito estava apto à entrevista. Após as transcrições, categorizamos as informações e analisamos os resultados, de modo a responder as questões de pesquisa e, portanto, atingir o nosso objetivo.

2 “OS QUATRO LOUCOS”

Na década de 1960, na cidade de João Pessoa, os irmãos Floriano Miranda e Elisio Júnior (mais conhecido como Golinha) fundaram o conjunto musical “Os Quatro Loucos”, a primeira banda profissional de rock do estado da Paraíba.

Inspirados pelo sucesso mundial do quarteto inglês *The Beatles*, Floriano e Golinha iniciaram a história de uma banda que revolucionou o cenário musical paraibano.

Antes do surgimento do grupo, as opções de entretenimento na cidade de João Pessoa eram voltadas para um público mais adulto. Os conjuntos musicais, como eram chamados naquele período, utilizavam instrumentos como o contrabaixo acústico, o saxofone e o piano. O repertório incluía tangos, boleros, samba-canção e bossa-nova (Sousa, 2022).

A mudança deste panorama começou a ocorrer quando Golinha e Floriano se encantaram pela música dos *Beatles*. A energia daquele som despertou a musicalidade dos dois garotos. Golinha começou a batucar em panelas e galões de tinta vazios, Floriano usava uma vassoura como sua guitarra imaginária.

O interesse pela música os fez ingressar na banda marcial do colégio Lins de Vasconcelos, onde Golinha teve o primeiro contato real com a bateria. Naquele ambiente, conheceram outros jovens que se identificavam com suas ideias e decidiram montar um conjunto musical baseado no quarteto de Liverpool.

O encontro com Vital Farias aconteceu de forma casual, em uma festa de aniversário. Vital havia se mudado recentemente para João Pessoa e ainda conhecia poucas pessoas na cidade. Naquela festa, buscando se enturmar, Vital começou a tocar no violão uma música dos *Beatles* que tinha ouvido recentemente no rádio. Foi então que Floriano apresentou-se e falou sobre seu plano de criar uma banda de rock, convidando-o para ir à sua casa, para fazer parte do projeto. No dia seguinte, Vital, Floriano e Golinha já estavam reunidos se conhecendo melhor, ouvindo muitas músicas e decidindo os próximos passos.

Os ensaios do grupo aconteciam na casa dos seus avós, Elisio Alexandrino e Alaíde Miranda. Na época da fundação da banda, a residência da família ainda era situada no número 123 da rua Duque de Caxias, no Centro de João Pessoa (Figura 1).

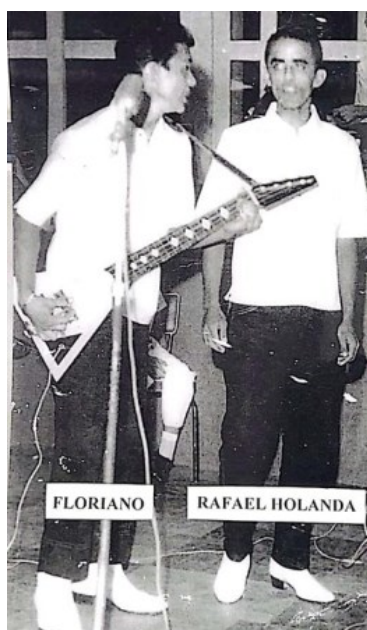
Figura 1– Local de fundação do conjunto



Fonte: Octavio Soares.

Naquele período, não existiam instrumentos como guitarra e baixo elétrico disponíveis no comércio da cidade. Com a fotografia de um baixo elétrico nas mãos, Floriano encontrou um marceneiro que aceitou o desafio e construiu para ele um baixo em formato de triângulo (Figura 2).

Figura 2 – Baixo triangular produzido em João Pessoa



Fonte: Acervo familiar

Os meninos se dedicaram ensaiando frequentemente e evoluíram musicalmente. Golinha, Floriano e Vital encabeçavam o grupo, enquanto algumas pessoas passavam brevemente pelo posto de quarto integrante. Rafael Holanda foi o primeiro a se fixar nessa vaga.

O nome da banda surgiu quando uma amiga da minha avó a visitava e perguntou como ela aguentava aqueles quatro loucos fazendo tanto barulho dentro de sua casa. Essa amiga se chamava Violeta Soares e era mãe da jovem Alice Soares, conhecida como Alicinha.

O sucesso nacional de Roberto Carlos e do movimento cultural que ficou conhecido como Jovem Guarda gerou consequências em todo o país. Em João Pessoa, os grandes clubes sociais começaram a adaptar seus eventos para alcançar o público mais jovem. É nesse contexto que foram surgindo os eventos destinados à juventude e as portas foram se abrindo para “Os Quatro Loucos” (Figura 3).

Figura 3 – “Os Quatro Loucos”: Vital Farias, Enilton, Golinha e Floriano



Fonte: acervo familiar

Desde o princípio, houve uma preocupação com a estética do conjunto. Nos primeiros shows que foram surgindo, os integrantes já usavam roupas iguais. Floriano e Golinha perceberam rapidamente que aquilo poderia se tornar algo promissor e utilizavam boa parte dos cachês arrecadados para investir em equipamentos melhores e figurinos feitos sob encomenda. O trabalho foi ficando cada vez mais profissional. Porém, esta divisão de receitas também gerava questionamentos e insatisfação de alguns integrantes.

Meus avós decidem se mudar para uma casa maior, no bairro de Jaguaribe. No novo endereço, que ficou conhecido como o “casarão de Jaguaribe”, meu avô Elisio construiu uma espécie de palco alto, para que o conjunto tivesse uma estrutura melhor para ensaiar.

Essa casa se tornou um verdadeiro centro cultural, frequentado por músicos, poetas, artistas plásticos e outras personalidades. Os instrumentos permaneciam montados e preparados para os ensaios.

Nesse ambiente, os dez filhos de Alaíde e Elisio passaram anos envolvidos no trabalho realizado pelo grupo “Os Quatro Loucos”. Na ordem de nascimento, são eles: Floriano, Golinha, Cecília, Sânia, Elizabeth (Bebeta), Sandra, Paulo, Cláudia (Cacá), Betânia e Diana. Os irmãos da mesma faixa etária acompanhavam e participavam de tudo, os mais novos absorviam as influências do que vivenciavam dentro de casa.

“Os Quatro Loucos” passaram a se apresentar com frequência nas matinês realizadas nos clubes Cabo Branco e Astréa. Em pouco tempo, surgiram convites para shows em outros clubes e em grandes eventos festivos realizados em bairros da capital.

Músicos como os guitarristas Hugo Leão, Enílton, Zé Ramalho, Dedé e o tecladista Diágoras Júnior foram passando pelo conjunto e escrevendo a história do grupo ao lado dos seus fundadores Golinha e Floriano.

O quarteto participou de importantes Festivais, como o II Festival Paraibano de Música Popular Brasileira, em João Pessoa, acompanhando o cantor e compositor Carlos Aranha na música “Giramulher”, que acabou ganhando o segundo lugar no certame (Figura 4). A participação foi polêmica, segundo Franco (1968), pois alguns não queriam considerar a banda de rock como música popular brasileira:

[...] em um festival de música popular, meia dúzia de pessoas não admitem a classificação de uma composição que, durante sua apresentação, recebeu os mais calorosos aplausos de uma plateia entusiasta. Motivo: um dos autores da música interpretou sua criação acompanhado de um conjunto de iê-iê-iê [...] (Franco, 1968).

Figura 4 –Floriano, Dedé, Golinha e Zé Ramalho com Carlos Aranha (sentados)



Fonte: acervo Expedito Pedro Gomes – Fundação Casa de José Américo

As mudanças de formações que ocorreram durante toda a trajetória da banda, não abalaram o prestígio alcançado pelo conjunto. Os irmãos e líderes, Floriano e Golinha, continuavam a evoluir musicalmente e, sempre que necessário, conseguiam selecionar novos músicos talentosos, que davam conta do recado.

“Os Quatro Loucos” foram abraçados pela juventude pessoense e não demorou muito para começarem a ampliar seu público. Percorreram diversas cidades do interior do estado e se aventuraram, disputando concursos entre bandas na capital pernambucana. A qualidade sonora e os vocais executados de forma impecável fizeram a banda se destacar, impressionando os jurados presentes.

Resultado: voltaram de Recife com troféus e medalhas de primeiro lugar (Figura 5).

Figura 5 – Celebração da vitória em concurso entre bandas



Fonte: acervo da família.

O sucesso do conjunto foi tão grande que, em cada bairro de João Pessoa, foram surgindo novos conjuntos seguindo a mesma linha, alguns deles, fundados por ex-integrantes d' "Os Quatro Loucos". A banda começou a ampliar seus horizontes, se apresentando também em outros estados do país.

A música também foi evoluindo e o teclado tornou-se um instrumento essencial para "Os Quatro Loucos". Porém, a banda sofre o desfalque inesperado de um integrante, possivelmente Diágoras Júnior, e Alicinha aceita o desafio de assumir o posto de tecladista. Ela e Golinha já namoravam neste período. A entrada da tecladista renovou a energia do conjunto.

Na década de 70, a indústria fonográfica passou por muitas transformações e o movimento musical iniciado mundialmente pelos *Beatles* e trazido à João Pessoa pelo conjunto "Os Quatro Loucos", perdeu representatividade. O cinema tornou-se um grande impulsionador de tendências comportamentais e musicais através das trilhas sonoras e a Disco Music tornou-se a nova sensação mundial. O público que frequentava os bailes em clubes migrou para as discotecas. As bandas perderam espaço para os DJ's.

Havia chegado o momento de finalizar a trajetória do primeiro conjunto profissional de rock da Paraíba.

2.1 DADOS HISTÓRICOS

As décadas de 1960 e 1970 representaram um período singular na história do Brasil, permeado por intensas mudanças políticas, sociais e culturais. Nesse cenário, a música desempenhou um papel fundamental e a cidade de João Pessoa não foi uma exceção.

Esse contexto foi agravado pela condição da cidade provinciana, o que gerou um terreno fértil para a criação e evolução de manifestações culturais alternativas, como o rock. Para compreender o florescimento da música e do rock em João Pessoa durante esse período, é essencial contextualizar a cidade dentro do panorama nacional.

O Brasil atravessava tempos de uma rígida ditadura militar, que impôs um regime de censura e repressão. A juventude brasileira estava ávida por expressar suas aspirações e descontentamentos e a música se tornou um veículo crucial para isso.

No princípio dos anos 60, no estado da Paraíba, o acesso a novidades tecnológicas como a televisão era privilégio de poucas famílias de maior poder aquisitivo. O rádio ainda era o veículo de comunicação de maior alcance popular.

No contexto cultural, existiam poucas atrações artísticas e os gêneros musicais executados em eventos sociais eram caracterizados por sua cadência lenta e identificação com o público mais adulto. O Centro da cidade era o ambiente mais frequentado pela população para fins de entretenimento (Figura 6).

Figura 6 – Centro de João Pessoa no final da década de 1950



Fonte: Gilberto Stuckert/Arquivo Histórico Waldemar Bispo Duarte.

2.2 REPERTÓRIO E PROJEÇÃO

O surgimento e a consagração meteórica de Elvis Presley, Rolling Stones, e principalmente, dos Beatles como um fenômeno cultural globalizado, reverberou pelo mundo, gerando impactos comportamentais em toda uma geração, assim como, o surgimento de centenas de artistas e conjuntos musicais influenciados pelos 4 garotos de Liverpool.

No Brasil, a Jovem Guarda, liderada por Roberto e Erasmo Carlos, alcançava o ápice da projeção nacional, conquistando grande espaço em programas de rádio e televisão. No mesmo período, Renato e seus Blue Caps, The Fevers, Pholhas, Os Incríveis e muitos outros artistas se destacaram nessa nova fase da música brasileira. Essa revolução musical também ecoou em João Pessoa, tendo como grande referencial o surgimento do conjunto “Os Quatro Loucos”, que, por sua vez, alcançou grande repercussão regional e gerou transformações na cena musical do estado da Paraíba.

Nesta época, os bailes dançantes eram os eventos mais concorridos da cidade de João Pessoa e ocorriam em locais como o Esporte Clube Cabo Branco, Clube Astréa, Independente Clube, Jangada Club, Cassino da Lagoa e no Pavilhão do Chá. “Os Quatro Loucos” tornaram-se uma das maiores atrações musicais dos principais bailes e eventos da capital paraibana e não demorou muito para começarem a se apresentar em outras cidades e em outros estados. O repertório dos shows era composto por uma seleção de grandes sucessos de artistas nacionais e internacionais do gênero Rock, em suas versões originais, assim como, das suas respectivas versões em português (algumas criadas pela própria banda), incluindo também músicas instrumentais como o grande sucesso “Czardas” da banda “Os Incríveis”, que levava o público ao delírio. Um fato desconhecido por muitos é que a banda também teve trabalhos autorais em seu repertório, como uma das primeiras composições escritas por Zé Ramalho.

“Os Quatro Loucos” atingiram o ápice de sua trajetória em 1967, ao realizarem no Clube Astréa em João Pessoa a abertura do show do cantor Roberto Carlos.

2.3 MEUS PAIS

Neste tópico pretendo apontar a trajetória musical da minha mãe, Alice Soares, na música e sua importância como protagonista de ações que não eram permitidas para as mulheres da sua época e a trajetória do meu pai, Golinha, após a saída dos “Os quatro loucos”. Ao mesmo tempo contribuindo para honrar a sua memória e contextualizando a mim, como pesquisador inserido na história.

2.3.1 O pioneirismo e protagonismo de Alice Soares

Nos anos 60, em João Pessoa, uma mulher de pele morena, voz suave e traços delicados, conseguiu derrubar tabus e superar preconceitos sociais de uma maneira sutil e natural. Era a minha mãe, Alice Soares, que foi a primeira mulher a fazer parte de um conjunto musical formado por homens em João Pessoa e a única integrante do sexo feminino na história d’ “Os Quatro Loucos”.

Ainda na infância, a filha de Enaldo Soares e Violeta, começou a estudar na Academia de Acordeon Mário Mascarenhas, dirigida pela professora Osires Botelho Viana, e a fazer aulas de piano na Escola Estadual de Música Antenor Navarro, no Centro da cidade (Figura 7).

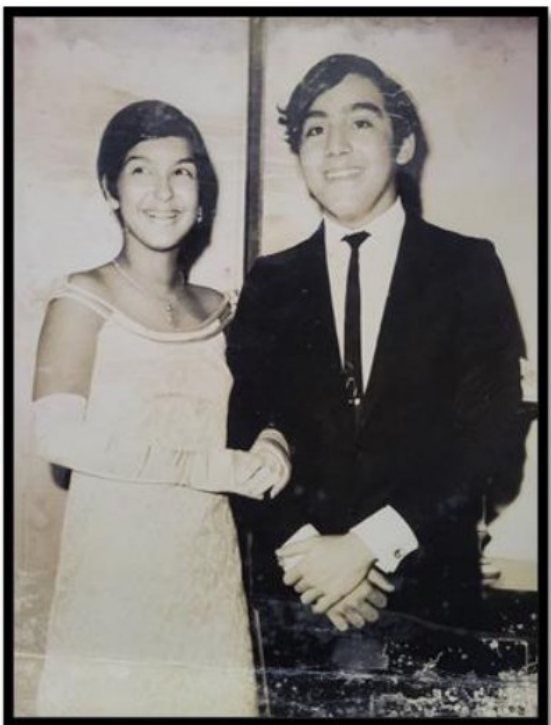
Figura 7 – Alicinha tocando acordeon



Fonte: acervo familiar.

Através da amizade entre minhas avós, minha mãe também se tornou amiga de Cecília e Sânia, filhas de Alaíde, e conheceu o meu pai. A ligação entre as famílias se fortaleceu e alguns anos depois, meus pais começaram a namorar (Figura 8).

Figura 8 – Alicinha e Golinha em baile de debutantes



Fonte: acervo familiar.

Alicinha era uma mulher à frente do seu tempo. Além do grande talento e da sua sensibilidade musical, era uma mulher com espírito aventureiro, que gostava de desafios. Foi também a primeira mulher paraibana a possuir e dirigir uma motocicleta (Figura 9).

Figura 9 – Alicinha e sua moto



Fonte: acervo familiar

Sua entrada no “Os Quatro Loucos” aconteceu repentinamente, quando o então tecladista do grupo faltou a uma apresentação. Alicinha entrou no palco para cobrir esta ausência, mas seu desempenho foi tão elogiado que resultou em sua permanência no conjunto.

Em muitos dos depoimentos colhidos neste trabalho, Alicinha foi citada como um dos principais destaques da história do conjunto, mesmo tendo sido integrante apenas nos dois últimos anos de existência da banda.

Que banda tinha uma mulher aqui nesse tempo? Uma mulher tocando e cantando, bonita e talentosa. Não era arranjo de nada não, era talento mesmo. Alicinha era talentosa demais, pegava qualquer música de ouvido. Nesse tempo se subestimava muito mais a mulher do que hoje (Poty Lucena, 2024, dados da pesquisa).

Teve um show que eu me lembro muito, que foi no Teatro Santa Rosa, que Alicinha, quando entrou, começou a tocar o teclado e foi aplaudida de pé. “Os Quatro Loucos” já tinham um tempo de fundação, depois que ela entrou a banda deu um bum. Ela era muito dedicada e tocava muito bem” (Sânia Miranda, 2024, dados da pesquisa)

Alicinha era uma mulher muito especial porque ela foi muito bem criada, com educação e tinha uma musicalidade absurda (Vital Farias, 2024, dados da pesquisa).

No Brasil existem preconceitos de uma sociedade patriarcal e machista até os dias atuais. Em um estado como a Paraíba, com suas raízes tradicionais, esta repressão é ainda maior e as mulheres precisam batalhar diariamente para conquistar o seu espaço.

Tocar na banda foi uma conquista. Realmente naquela época tinha muito preconceito por ela ser uma mulher em uma banda masculina, mas até nisso ela foi uma pioneira. Quando teve essa apresentação no Teatro Santa Rosa, que eu não esqueço nunca, as pessoas ficaram em delírio, batendo palmas, porque foi uma surpresa para a plateia também. Naquela época, em João Pessoa, aquela coisa de machismo do Nordeste. Não existia participação feminina em nenhuma banda masculina. Mas ela tirou de letra, a banda tirou de letra e ela fez um sucesso incrível. (Sânia Miranda, 2024, dados da pesquisa).

Alice Soares (Figura 10) foi uma precursora nesse sentido porque precisou superar essas barreiras há cerca de 60 anos atrás.

Figura 10 – Alice Soares

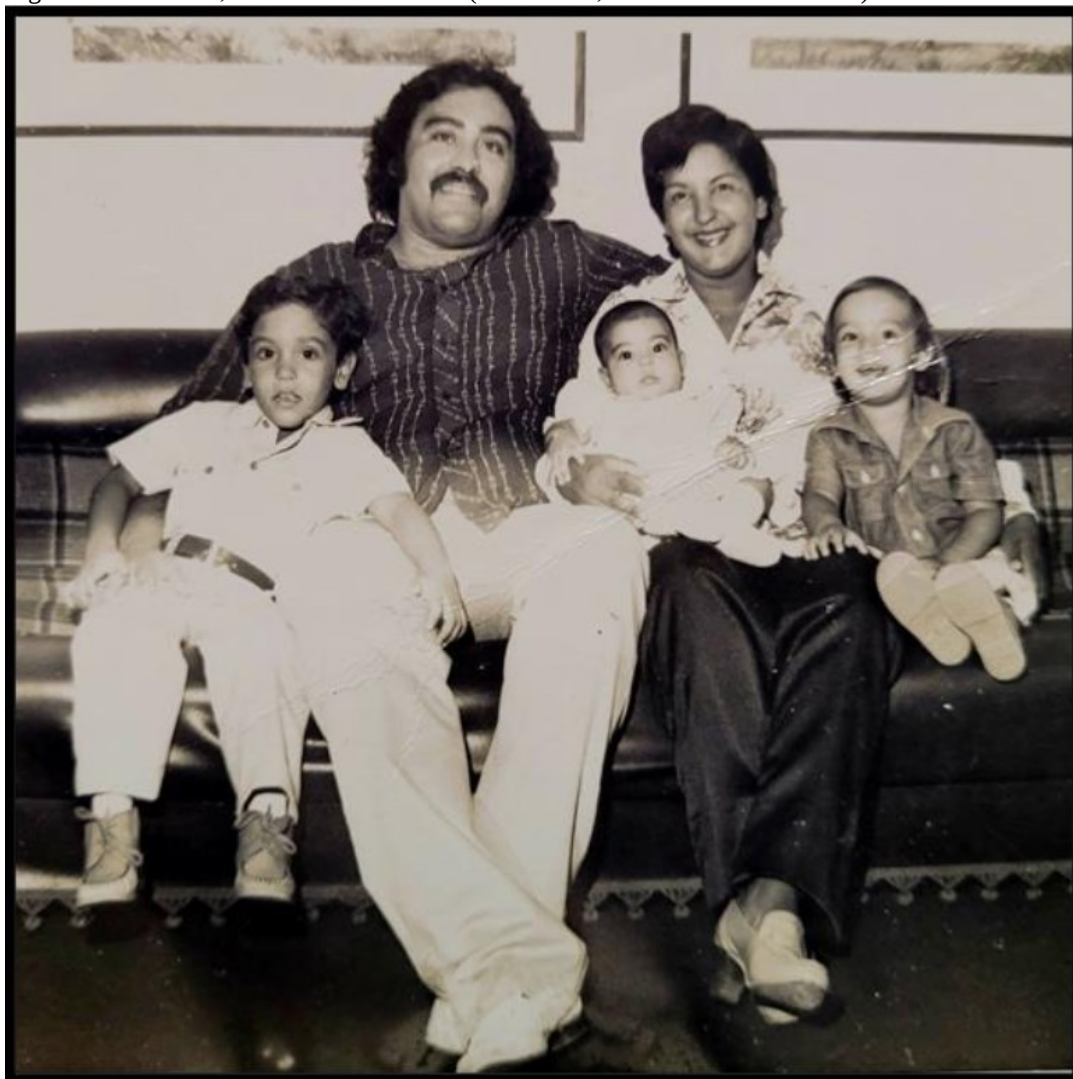


Fonte: acervo familiar.

Apesar de sempre ter tido incentivo de seus pais, a minha mãe foi educada de forma rígida e controladora. Minha avó Violeta impôs uma condição para aceitar sua entrada no conjunto “Os Quatro Loucos”: estar ao seu lado em todas as ocasiões. Por isso, passou a dirigir a kombi que transportava a banda nas viagens e a ajudar também em questões relacionadas à produção dos shows.

Após o fim da banda, meus pais se casaram e tiveram três filhos: Elisio Neto, eu e a caçula, Anna Violeta (Figura 11).

Figura 11 – Golinha, Alicinha e seus filhos (Elisio Neto, Anna Violeta e Octavio)



Fonte: acervo familiar.

Assim encerro o registro da minha mãe e continuo com a trajetória musical de meu pai, Golinha, após o fim da banda.

2.3.1 Golinha

Após o fim do conjunto Os Quatro Loucos, Golinha continuou a se dedicar à sua arte de forma incansável, persistindo em sua jornada musical através de sua carreira solo como cantor e compositor. O artista seguiu comprovando sua paixão pela música e sua constante criatividade.

Em 1991, Golinha lançou o disco autointitulado “Golinha”, que contava com seis músicas de sua autoria e uma música de autoria de seu irmão Paulo Ditarso (Figura 12).

Figura 12 – Capa do primeiro disco autoral



Fonte: acervo familiar

Cinco anos mais tarde, em 1996, Golinha lançou o álbum “Levanta Brasil”, contendo doze músicas de sua própria autoria, demonstrando sua evolução como artista e sua capacidade de se reinventar (Figura 13). Este trabalho foi totalmente gravado na Suíça, durante uma das turnês que realizou naquele país. Essa experiência internacional contribuiu significativamente para a evolução artística de Golinha, ampliando seus horizontes e inspirando-o ainda mais em sua jornada musical.

Figura 13 – Capa do álbum Levanta Brasil com dedicatória do meu pai



Fonte: acervo familiar

Com o passar dos anos, a desvalorização aos artistas que se dedicam à produção autoral dentro do estado da Paraíba teve reflexos na carreira de Golinha. Essa falta de reconhecimento e apoio aos músicos locais foi minando sua motivação e entusiasmo.

Após uma longa trajetória e várias contribuições para a cena musical paraibana, a desmotivação causada por esse cenário influenciou diretamente em sua decisão de pausar a carreira, refletindo a necessidade de reconhecimento e valorização à produção autoral local.

Sua motivação para essa pausa foi clara: Golinha não desejava mais interpretar músicas de outros artistas, buscando focar exclusivamente em suas próprias composições. Essa escolha exigiu coragem e evidencia sua constante busca em seguir um caminho autêntico e desafiador.

Por problemas de saúde, o artista faleceu com apenas 51 anos de idade, deixando seu nome marcado no cenário musical local como sinônimo de versatilidade e de capacidade de cativar o público através de sua arte e carisma (Figura 14). Golinha foi um exemplo de perseverança, talento e dedicação à música. Sua história jamais será apagada.

Figura 14 – Golinha, sinônimo de carisma



Fonte: acervo familiar

3 “OS QUATRO LOUCOS” ATRAVÉS DA HISTÓRIA ORAL

Neste capítulo, pretendemos atingir o objetivo de resgatar a trajetória do conjunto musical “Os Quatro Loucos” através da história oral, efetivando a construção de uma memória coletiva baseada em fatos reais.

Em consonância com a metodologia escolhida para a elaboração desta pesquisa, realizamos uma compilação de fatos históricos e relatos de experiências pessoais de diferentes indivíduos que possuem algum tipo de conexão com o conjunto. Buscamos dar voz a pessoas com alto grau de envolvimento no tema deste trabalho.

Os dados registrados neste trabalho foram coletados através de entrevistas realizadas com 10 pessoas, incluindo cinco familiares, três ex-integrantes e dois contemporâneos do conjunto “Os Quatro Loucos”, além do depoimento do ex-integrante Zé Ramalho e da minha própria narrativa dos fatos.

Acreditamos que os relatos e as informações reunidas nos proporcionaram elementos suficientes para a efetivação do resgate histórico pretendido aqui. Através destes elementos, é possível compreender uma série de acontecimentos e elucidar questões que ficaram sem respostas claras por um longo período.

3.1 EX-INTEGRANTES REMEMORAM “OS QUATRO LOUCOS”

É possível afirmar que os depoimentos de ex-integrantes do conjunto “Os Quatro Loucos” são elementos indispensáveis para o êxito desta pesquisa.

Após a morte prematura de Golinha e Floriano, fundadores e líderes do conjunto, e o falecimento de diversos músicos que desempenharam papéis relevantes na banda, perdemos algumas das principais fontes de informações relacionadas à trajetória dos “Os Quatro Loucos”.

Buscamos preencher estas lacunas coletando depoimentos de ex-integrantes que permanecem vivos. São eles: Vital Farias, Hugo Leão, Zé Ramalho e Poty Lucena. Destes nomes, apenas Vital fez parte da formação inicial do conjunto “Os Quatro Loucos”. Huguinho e Vital chegaram a fazer parte de uma mesma formação do grupo. Zé Ramalho e Poty foram integrantes em fases distintas e longínquas.

Três ex-integrantes aceitaram ser entrevistados e demonstraram interesse e satisfação em contribuir na elaboração deste resgate histórico: Vital, Poty e Hugo. Zé Ramalho forneceu

sua contribuição através de um depoimento enviado por mensagem de áudio pelo aplicativo WhatsApp.

Obtivemos relatos inéditos, depoimentos ricos em conteúdo e conseguimos reunir dados suficientes para garantir a credibilidade das informações adquiridas.

3.1.1 Vital Farias

Nascido na cidade de Taperoá, interior da Paraíba, Vital Farias, é cantor, compositor, instrumentista e poeta. Ao longo de sua trajetória, tornou-se um dos artistas paraibanos de maior reconhecimento no cenário nacional.

Vital foi um dos integrantes da primeira formação do conjunto “Os Quatro Loucos”, tocando violão, guitarra e fazendo vocal. Afirmou ter sido um tipo de maestro para a banda, ensinando as harmonias corretas à Golinha e Floriano, contribuindo na seleção de repertório e na definição da linha musical do grupo. Em sua entrevista, revelou detalhes de grande relevância para esta pesquisa e contou algumas histórias de bastidores que prefere que não sejam publicadas.

Atualmente, com 81 anos de idade, Vital citou, nominalmente, os nomes de meus avós paternos e maternos e de diversos familiares meus, demonstrando profunda gratidão e admiração.

Por diversas vezes, referiu-se à minha avó paterna como “mãe Alaíde”, citando repetidas vezes o nome da rua e o número da casa onde conheceu Golinha e Floriano, local onde a história dos “Os Quatro Loucos” teve início e onde passou a ser acolhido por todos como um integrante da família.

Eu, inclusive, de certa forma, fui praticamente adotado por ela (Alaíde Miranda) e pelo velho Elisio. Ele com aquele charuto na boca, era um homem de uma grandeza formidável. Ele era apaixonado por Golinha. Ele gostava de todos, porque era muita gente, não é? Mas Golinha era a doença dele, sabe? Ele enchia os olhos d’água quando Golinha subia no palco. Ele achava uma coisa... ele amava demais (Vital Farias, 2024, dados da pesquisa).

Os dons musicais de Vital foram descobertos ainda na pequena cidade de Taperoá, onde fazia parte da banda oficial do município e já alimentava o sonho de migrar para a capital.

De origem humilde, Vital ouvia música pelo rádio do vizinho e sempre dava um jeito de conseguir um violão emprestado para aprender a tocar as primeiras músicas, de forma autodidata.

Durante sua adolescência, mudou-se para João Pessoa e, certo dia, por um acaso, foi parar em uma festa de aniversário repleta de jovens desconhecidos. Para se enturmar, pegou um violão e tocou uma música dos *Beatles*, que tinha ouvido recentemente no rádio. Ali mesmo conheceu Floriano Miranda, que, segundo o entrevistado, informou-lhe um endereço e falou logo assim: “Vai lá em casa amanhã pra gente formar um conjunto musical”.

Chegando na rua Duque de Caxias, nº 123, Vital foi recebido por Alaíde Miranda, que lhe serviu bolo e café. Floriano e Golinha chegaram em casa algum tempo depois e o jeito alegre do meu pai, logo encantou Vital. Eles passaram horas conversando e escutando um LP dos *Beatles* que tinha “*I Wanna Hold Your Hand*” e várias outras que o entrevistado ainda não conhecia. Até aquele momento da vida, a música que Vital havia escutado e absorvido era a que tocava na rádio difusora de Taperoá, geralmente música clássica ou de raízes nordestinas.

A partir desse dia, a presença de Vital tornou-se constante naquela casa. Ele passou a se envolver intensamente com aquele “novo gênero musical” e decidiram colocar em prática o plano de criar um conjunto musical inspirado no quarteto de Liverpool, que estava encantando o mundo.

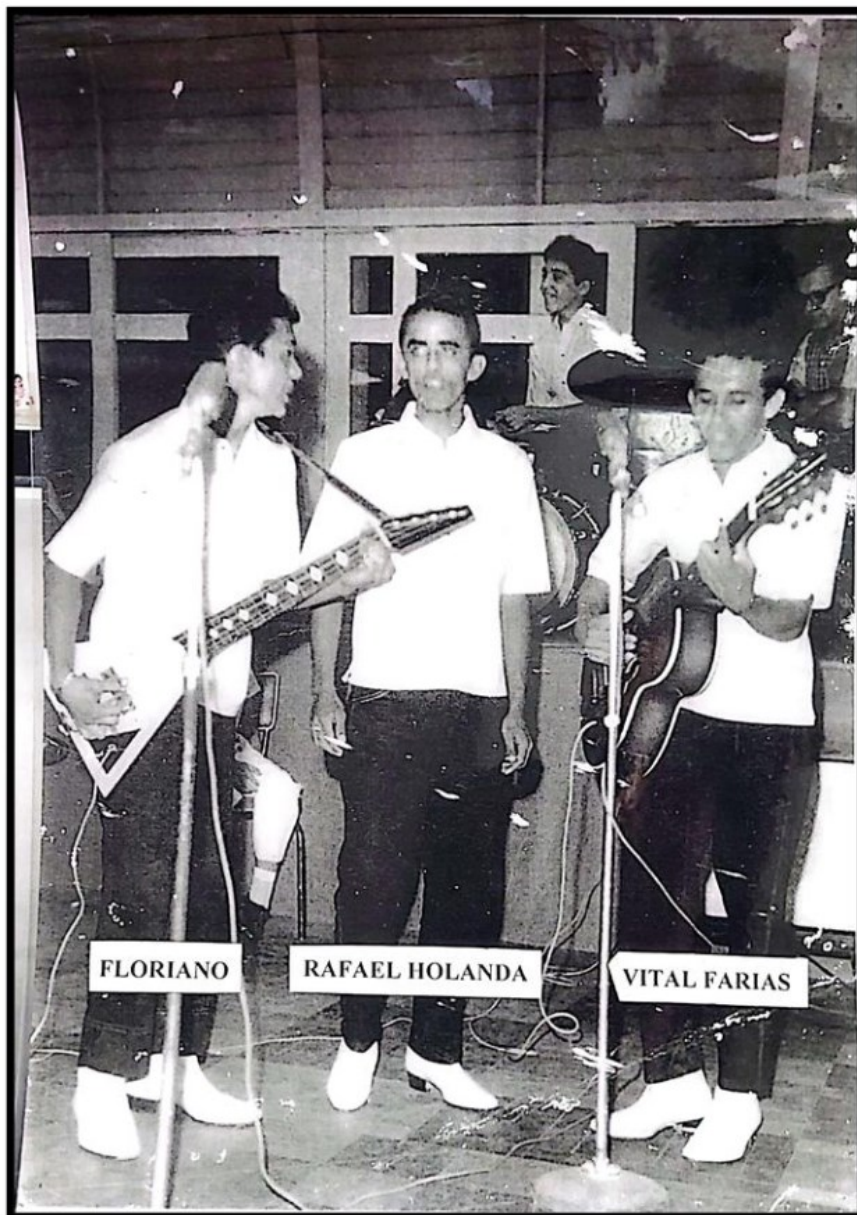
Segundo Vital, a primeira formação d’ “Os Quatro Loucos” tinha, além de Vital (violão e voz), Floriano (baixo e voz) e Golinha (bateria e voz), um amigo deles que morava nas redondezas, chamado Lindolfo (voz).

A gente começou a tocar experimentalmente. Floriano não sabia tocar instrumento nenhum, nem Golinha também. Nós fomos aprendendo juntos. De uma forma ou de outra, eu fui um interlocutor das coisas. Eu não falava muito, mas eu é que organizava mais harmonicamente. Eu acredito que eu tive uma relação bastante interessante em procurar o repertório, as coisas mais bonitas, as coisas que eles podiam pegar com mais facilidade e alguma coisa que fosse, assim, envolver. E por isso que a gente teve um êxito bastante elevado. (Vital Farias, 2024, dados da pesquisa).

Vital ainda afirma que houve um integrante peruano, chamado Ricardo Moretti, que chegou a fazer alguns shows com eles, ajudando nos vocais.

Pouco tempo depois, aconteceu a entrada de Rafael Holanda (voz) e essa é a formação que pode ser observada nos primeiros registros fotográficos da banda, sendo apontada, erroneamente, como a primeira formação do grupo (Figura 15).

Figura 15 – Uma das primeiras formações: Golinha (atrás), Floriano, Rafael e Vital.



Fonte: acervo da família.

De acordo com Vital, muitos músicos assumiram brevemente esse posto de “quarto *Beatle*” do conjunto. Por este motivo, insisti em refazer a pergunta sobre a primeira formação, buscando solucionar definitivamente essa questão. Afinal de contas, quem foram os integrantes da primeira formação dos “Os Quatro Loucos”? Existiu outro quarto integrante,

antes do Rafael Holanda? Observando atentamente as fotos que reuni do período, o entrevistado confirmou a informação que havia dito anteriormente:

Rapaz, teve alguém (antes do Rafael Holanda), mas era tudo mais ou menos “en passant”. O Lindolfo, foi o primeiro, porque ele morava ali perto. Depois veio o Rafael, que é daquela região de Cajazeiras e demorou mais um pouco. Ele era um Beatle-maniaco. Era muito alegre, muito bacana (Vital Farias, 2024, dados da pesquisa).

A banda evoluiu musicalmente com rapidez e, em pouco tempo, passou a se apresentar nos grandes eventos realizados nos principais clubes de João Pessoa.

Para Vital, a família Miranda fazia parte de um ciclo social de pessoas importantes e isso abriu muitas portas para que o conjunto mostrasse o seu trabalho, conforme enfatizou no nosso encontro (Figura 16).

Figura 16 – Vital Farias e Octavio



Fonte: Octavio Soares

Apesar do repertório inicial ter sido baseado nos Beatles, Vital se recorda que eles também tocavam Renato e Seus Blue Caps, The Fevers, Golden Boys e que, apesar de não tocarem músicas autorais, escreveram algumas versões de músicas internacionais. Ao ser perguntado se, ao criar essas versões, começava ali a desenvolver sua habilidade de compor, o entrevistado respondeu positivamente.

De acordo com Vital, meu pai, Golinha, já começava ali a escrever suas primeiras canções de amor em homenagem à minha mãe. E foram muitas. Porém, não faziam parte do repertório dos “Os Quatro Loucos”.

Vital revelou que eles também tocavam alguns sucessos nacionais que não gostavam, somente para agradar mais o público.

Eram músicas da época, por exemplo: Você é o tijolinho, que faltava na minha construção...tinha umas coisas assim que não era o que a gente cantava mesmo. Mas eu digo, sem querer ser melhor do que ninguém, que eu primava mesmo por Beatles, e Floriano também, e Golinha também. Mas aqui e acolá a gente abria uma vaga. (Vital Farias, 2024, dados da pesquisa)

Um fato curioso que gerou situações engraçadas é que o perfeccionismo que o conjunto “Os Quatro Loucos” buscava atingir nas harmonias das músicas, não poderia se repetir no quesito pronúncia de letras internacionais. Já que, nessa fase inicial, nenhum deles possuía a fluência necessária na língua inglesa. Conforme relatado por Vital:

[...]embora ninguém soubesse o inglês, mas a gente cantava...botava nomes como *Telespark*, ou qualquer coisa... (risos). Mas fora a questão da língua, a gente cantava o som natural (das palavras) e também a harmonia, que era uma coisa que eu primava muito, para não sair daquela harmonia feita pelo original. Isso eu cuidava muito...” (Vital Farias, 2024, dados da pesquisa).

Para Vital, a formação considerada “clássica” e mais relevante na história do grupo era composta por ele, Floriano, Golinha e Enilton, guitarrista que fazia um excelente vocal e era uma pessoa muito interessante, na opinião do entrevistado (Figura 17).

Figura 17 – Uma das principais formações dos “Os Quatro Loucos”:



Fonte: acervo da família.

De acordo com Vital, o êxito alcançado pela banda influenciou diretamente no surgimento de uma série de novos conjuntos na Paraíba como *The Gentleman*, Os Diplomatas, Os Fugitivos e muitas outras, que, na opinião do entrevistado, tocavam até coisas interessantes, porém, nenhuma delas chegou ao nível atingido pelo grupo “Os Quatro Loucos”. O entrevistado afirma que, como função social, a banda desempenhou um papel importante e conquistou muito respeito pelo trabalho que realizaram. Por outro lado, não acredita que o conjunto tenha tido alguma representatividade para a música genuinamente paraibana. Ao ser questionado sobre o que “Os Quatro Loucos” representaram para a música da Paraíba naquele período, afirma: “Eu não falo a música da Paraíba, porque eu tenho um pé muito lá dentro das coisas nordestinas” (Vital Farias, 2024, dados da pesquisa).

Ao observar as fotos que levei para nosso encontro, reconheceu os músicos Rafael Holanda que ajudava no vocal, Cecílio Ramalho, Hugo Leão e Zé Ramalho, que faziam guitarra e voz, o tecladista Diágoras Jr e elogiou o talento do guitarrista Dedé. Em outro momento da nossa conversa, Vital destacou a incrível musicalidade e talento da minha mãe, Alice Soares, que fazia teclado e vocal na última formação do grupo. “Alicinha era banhada de música. Ela tinha uma inspiração muito grande. É uma mulher que não desenvolveu porque não teve oportunidade” (Vital Farias, 2024, dados da pesquisa).

Sobre os motivos que o levaram a sair do grupo, Vital relatou os fatos detalhadamente, porém, me pediu que tais informações não fossem publicadas ou divulgadas. Desta forma, sua vontade será respeitada. O entrevistado afirma sobre este tema, que sua saída foi ruim para ele e para o grupo.

Sobre os grandes bailes nos quais se apresentavam com frequência, Vital afirma que nunca gostou daqueles ambientes.

Eu tocava, mas eu nunca me misturei com ninguém. Eu não sei se é complexo de inferioridade ou superioridade, mas eu nunca gostei desse tipo de coisa. Sempre fui muito antissocial, no sentido de não me misturar, sabe? Porque eu sempre fui de uma ala mais específica. Eu vim de outra realidade (Vital Farias, 2024, dados da pesquisa).

A primeira festa Hippie do clube Cabo Branco foi um evento grandioso. Na ocasião, faltando poucos minutos para o início da apresentação dos “Os Quatro Loucos”, uma pessoa da organização pintou uma flor no rosto de Vital, que se sentiu constrangido. O entrevistado comenta que estava concentrado, porque iria executar a música “Czardas” solada na guitarra, em uma velocidade “absurda”. Vital queria tirar a pintura do rosto, mas não conseguiu porque a banda precisava iniciar o show. Aquela situação interferiu negativamente na apresentação e não foi bem digerida pelo artista.

Vital afirma que o período que passou com “Os Quatro Loucos” foi o melhor momento da sua vida, pois havia encontrado pessoas que “falavam a sua língua” e comenta que foi abraçado por minha família de uma forma muito especial. Se recorda com carinho do casamento dos meus pais, Golinha e Alicinha, das apresentações do conjunto na Rádio Tabajara da Paraíba e das viagens da banda para Recife, onde lembrou que receberam medalhas e troféus após vencerem um concurso entre bandas (ver Figura 5).

Foi muito bom pra todo mundo. As pessoas gostavam da gente, gostavam do que a gente cantava, sabiam que era uma coisa de primeira. E a gente influenciou João Pessoa, chegamos a cantar em vários lugares. Primeiro porque aqui, naquela época, não tinha televisão, não tinha nenhum canal. (Vital Farias, 2024, dados da pesquisa)

Vital conviveu de perto com as famílias Miranda e Soares, e fala, com propriedade, que a semente musical plantada por Golinha e Floriano contagiou seus irmãos Paulinho Ditarso, Diana Miranda e todos os outros. Na opinião do entrevistado, ocorreu realmente uma musicalização familiar: “Foi, foi sim (musicalização familiar). A sua avó amava “Os Quatro Loucos” e ela ajudou muito. E a música foi passando por todos da família. Todo mundo fazia alguma coisa” (Vital Farias, 2024, dados da pesquisa).

3.1.2 Zé Ramalho

Antes de se tornar um artista consagrado nacionalmente e um ícone da música regional nordestina, Zé Ramalho foi integrante do conjunto “Os Quatro Loucos”, ocupando o espaço deixado por Vital Farias.

No documentário “Zé Ramalho – O Herdeiro de Avôhai” (2009), o artista afirma que, uma das coisas que nunca se esquece na vida, foi o momento em que viu, pela primeira vez, uma apresentação do conjunto “Os Quatro Loucos”, em João Pessoa. Na ocasião, Zé ficou impactado ao assistir o conjunto liderado pelos irmãos Floriano e Golinha, tocando com aqueles instrumentos fabricados por um marceneiro local.

Aquela cena me encantou mais ainda do que a música que eu estava ouvindo no rádio, porque eu vi, ao vivo, aqueles caras tocando, e me deu vontade de fazer a mesma coisa (Zé Ramalho, 2009, DVD Zé Ramalho – O Herdeiro de Avôhai).

A partir daquele momento, entrar no conjunto “Os Quatro Loucos” passou a ser um sonho para aquele menino oriundo de Brejo do Cruz, pequena cidade do sertão da Paraíba. Zé Ramalho tocou em diversos grupos locais até conseguir alcançar esse objetivo. Ao tomar conhecimento da saída de Vital, candidatou-se para a vaga de guitarrista e foi escolhido como novo integrante do grupo.

Zé Ramalho não aceitou conceder entrevista respondendo perguntas elaboradas para esta pesquisa, mas, gentilmente, gravou e enviou um depoimento em áudio, relatando fatos e as suas impressões sobre o período em que esteve no grupo.

De acordo com o artista:

Nos anos 60, na Paraíba, em João Pessoa, começaram a surgir grupos musicais, que naquela época tocavam para bailes. Eram bailes de duas a três horas. Os grupos tocavam com instrumentos precários, não existiam guitarras importadas naquela época. Eram dois ou três grupos que surgiram naquele momento. Eu fiquei concluindo as minhas escolhas da vida, até ver “Os Quatro Loucos” tocando (Zé Ramalho, 2024, dados da pesquisa).

Naquela época, em decorrência do sucesso da banda *The Beatles*, iniciou-se no Brasil uma onda de nomes artísticos escritos na língua inglesa, como: *The Golden Boys*, *The Fevers*, *Pholhas* e muitos outros. De acordo com Zé Ramalho, o primeiro nome oficial do conjunto criado pelos irmãos Golinha e Floriano foi “*The Four Crazies*” e o grupo ficou conhecido com essa nomenclatura até que um professor de inglês chamado *Nielsen* os alertou que o nome estava escrito de maneira equivocada, pois a forma correta seria “*The Crazy Four*”. Foi então que os dois irmãos decidiram renomear o grupo para “Os Quatro Loucos”, nome sugerido inicialmente, quando quatro adolescentes começaram a fazer ensaios barulhentos na casa dos meus avós, ainda na rua Duque de Caxias, no centro de João Pessoa.

Em outro trecho do depoimento enviado a mim por Zé Ramalho, o artista afirma que:

“Os Quatro Loucos” foram uma banda muito requisitada, tocavam muito bem, eram muito bons músicos. Golinha, seu pai, tocava bateria com a pressão, com a força que nenhum outro baterista tinha. Ele era canhoto e furava vários bombos naquela época, daquelas baterias vagabundas que tinham para vender, com a pressão e a força que ele tocava. E o Floriano era canhoto, tocava contrabaixo canhoto. Quando ele fazia vocal, ficavam parecendo os Beatles, o McCartney e o Harrison, um de frente para o outro, com os braços das guitarras alinhados. Eram detalhes interessantes para a época. (Zé Ramalho, 2024, dados da pesquisa).

O documentário de Zé Ramalho contém uma entrevista do meu tio, Floriano Miranda, revelando que, no período em que esteve n”Os Quatro Loucos”, Zé Ramalho compôs a sua primeira música. Esta música entrou no repertório do conjunto, sendo tocada em bailes e, de acordo com Floriano, era apreciada e cantada por todo público presente.

Zé nos mostrou essa música chamada “Chegou ao Fim”, uma música meio brega, mas o clube inteiro cantava essa música. Não sei porque ele nunca gravou, mas acredito que não seja bem do estilo do trabalho que ele tá fazendo hoje, não é? Foi uma música assim, de juventude, de infância (Florianio Miranda, 2009, DVD Zé Ramalho – O Herdeiro de Avôhai).

Durante o período em que Zé Ramalho fez parte do conjunto “Os Quatro Loucos”, ocorreu um dos momentos mais importantes na trajetória do grupo: a abertura do show do cantor Roberto Carlos, realizado no Clube Astréa, na cidade de João Pessoa (Figura 18). Roberto já fazia um sucesso estrondoso em todo país, portanto, esquentar o público para a apresentação do maior ídolo da Jovem Guarda seria uma grande responsabilidade. “Os Quatro Loucos”, o conjunto paraibano de maior impacto no período, foi o grupo escalado para esta missão.

Figura 18 – Florianio, Golinha, Roberto Carlos, Zé Ramalho e Dedé com Roberto Carlos



Fonte: acervo da família

Sobre o período em que esteve no conjunto “Os Quatro Loucos”, Zé Ramalho afirma:

Foi uma experiência incrível porque apesar de você estar tocando para as pessoas dançarem, ali em cima do palco, a gente tava num sonho, um sonho delirante, um sonho intenso (Zé Ramalho 2009, DVD Zé Ramalho – O Herdeiro de Avôhai).

Apesar de todo êxito do conjunto, ainda eram tempos de estruturas muito limitadas para os artistas locais. Por este motivo, nem todos os momentos foram de glórias. Floriano relata um fato ocorrido durante viagem do conjunto “Os Quatro Loucos” para a cidade de Manaus:

Nós percorremos o Brasil inteiro, fizemos uma excursão para Manaus em uma kombi. A kombi pegou fogo. Depois que apagamos o fogo, Zé Ramalho dormiu embaixo dela (Floriano Miranda, 2009, DVD Zé Ramalho – O Herdeiro de Avôhai).

Na opinião de Zé Ramalho, a história dos “Os Quatro Loucos” começou muito antes de sua entrada, nas formações do grupo com Vital Farias e Hugo Leão. O artista acredita que sua participação no conjunto, na chegada dos anos 70, ocorreu nas últimas instâncias da banda. Porém, após a sua ida para o conjunto *The Gentleman*, “Os Quatro Loucos” ainda permaneceram ativos com outras formações, mantendo-se em evidência, mesmo com o surgimento dos novos conjuntos.

Zé Ramalho finaliza seu depoimento com palavras de incentivo e reconhecendo o talento e a relevância dos meus pais para a música desenvolvida na capital paraibana:

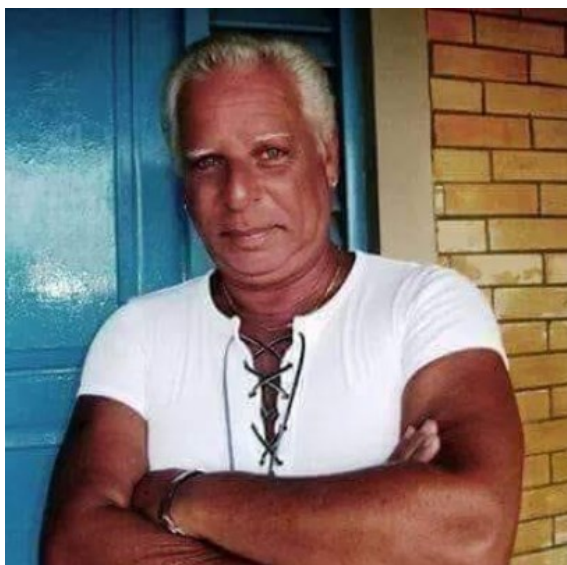
[...] E é isso. Eu desejo então que você tenha uma boa apresentação do seu trabalho e que honre o nome de seus pais, que eram grandes músicos. Realmente, eles são pessoas da maior importância para a música moderna feita na cidade de João Pessoa a partir de 1965. Um abraço (Zé Ramalho, 2024, dados da pesquisa).

Apesar de não ter sido uma entrevista semiestruturada como os demais sujeitos, o depoimento de Zé Ramalho foi importante para a pesquisa.

3.1.3 Hugo Leão

Nascido em João Pessoa, em sete de novembro de 1949, o músico, cantor e compositor Hugo Leão (Figura 19) carinhosamente chamado de Huguinho, iniciou seu contato com a música tocando violão na banda marcial do colégio Lins de Vasconcelos, onde Golinha também dava os primeiros passos na bateria. Ali mesmo, tinha início uma grande amizade.

Figura 19 – Hugo Leão



Fonte: página de Hugo Leão no Facebook¹

Atualmente com 75 anos de idade, Huguinho relata que, em suas memórias, Floriano e Golinha se uniram a Vital Farias e Cecílio Ramalho e montaram uma banda que se chamava “Esquadrão Louco”. João Pessoa ainda era uma cidade muito tranquila, com raras opções de entretenimento para o público mais jovem. O movimento musical praticamente não existia, já que as atrações artísticas eram bem resumidas:

Antes do Quatro Loucos, só tinha o Ademir Sorrentino com seu piano e o Dedé no sax. A gente nem tinha começado a tocar ainda. O estilo era mais bolero, bossa-nova... música mais calma, mas os velhos dançavam (Hugo Leão, 2024, dados da pesquisa).

¹ Disponível em https://www.facebook.com/leao.hugo/photos_by Acesso em 30/04/2024

Por serem muito amigos, Huguinho costumava assistir aos ensaios que ocorriam na casa dos meus avós Elisio e Alaíde, ainda na rua Duque de Caxias, centro de João Pessoa. Esses ensaios duravam horas e a pausa para o lanche sempre alegrava os músicos.

O seu avô ainda era dono de uma padaria no centro da cidade. Aí meu filho, era pão doce, broto e cada copo de vitamina que a Dona Alaíde botava. Golinha dizia: é para matar mesmo, vamos tomar tudinho. Era um ensaio muito gostoso, porque era tudo família. (Hugo Leão, 2024, dados da pesquisa)

De repente, aquela banda criada pelos amigos do colégio passou a se chamar “Os Quatro Loucos” e começou a dar certo. Huguinho não queria mais ficar apenas assistindo. Comprou uma guitarra e um amplificador em Recife e começou a praticar. O convite para fazer parte dos “Os Quatro Loucos” surgiu quando, em virtude de um acidente, o guitarrista Cecílio Ramalho veio a falecer. De acordo com o entrevistado:

Como eu vivia perto dos meninos, já tinha comprado uma guitarra, tinha um amplificador, aí Golinha disse: vamos botar o Huguinho aí. Ele não toca essas coisas não, mas aprende. Aí Huguinho entrou e aprendeu. A banda ficou: eu, Floriano, Golinha e Vital Farias. (Hugo Leão, 2024, dados da pesquisa)

Huguinho recorda as dificuldades enfrentadas, no período, para aquisição de instrumentos musicais. Era necessário recorrer a um marceneiro para construir os instrumentos de cordas do conjunto.

Foi difícil. Quando cheguei n’”Os Quatro Loucos”, lembro que os instrumentos eram feitos por Seu Guaraci. Floriano levou um retrato pra Seu Guaraci, que cortava madeira e fez aquele contrabaixo pesado. Uma madeira pesada que só faltava matar enquanto estava tocando, pendurado, quatro horas nas costas, não era brincadeira não. (Hugo Leão, 2024, dados da pesquisa)

Sobre a bateria, Huguinho comenta que, meu pai, Golinha, criava uns “arranjos” juntando “bumbos”, tarol e pratos, que conseguia encontrar em uma loja especializada em artigos para bandas marciais, a loja de “seu Santos”. De acordo com o entrevistado, o filho desse lojista comentou que iria à São Paulo e, por sugestão de Huguinho, trouxe guitarras, contrabaixo, bateria e microfones para vender em João Pessoa.

Naquele momento, “Os Quatro Loucos” já recebiam bons cachês por suas apresentações e os irmãos Floriano e Golinha, costumavam utilizar boa parte destes recursos na compra de melhores equipamentos para o conjunto. “Golinha e Floriano investiam. Compraram a guitarra de Vital, foram eles que comparam tudo. E a coisa foi sempre bonita e crescente. Cada vez profissionalizando mais” (Hugo Leão, 2024, dados da pesquisa).

Huguinho comenta que, em 1966 a banda já estava se apresentando com tanta frequência que eles receberam um ultimato do “Tenente Lucena”, pai de Poty Lucena, então presidente da Ordem dos Músicos da Paraíba.

Ele chamou a gente e disse, é o seguinte: O negócio tá ficando muito complicado. Está todo mundo ganhando dinheiro. Tem que tirar a carteira da Ordem dos Músicos, senão ninguém toca mais. Vocês vão fazer um teste aqui. Quem não souber tocar, não vai ter carteira não. (Hugo Leão, 2024, dados da pesquisa)

Aquela situação gerou pavor nos músicos, mas todos fizeram uma avaliação prática, em seus respectivos instrumentos. Não houve exigência de conhecimentos teóricos e todos foram aprovados.

No período em que Huguinho fez parte do conjunto, o repertório era composto por músicas de Roberto e Erasmo Carlos, The Fevers, Renato e seus Blue Caps e Beatles. Mas a banda também tocava músicas românticas que o público pedia, de artistas como Wanderley Cardoso, Jerry Adriani e até (pasmem!) samba e valsa. “Para a gente era uma coisa horrorosa, você tocar samba com guitarra. A gente tinha que tocar também uma valsa de 15 anos. O negócio era complicado. Mas todo mundo deu conta do recado” (Hugo Leão, 2024, dados da pesquisa).

Sobre a influência do conjunto no cenário musical paraibano, Huguinho afirma que o conjunto “Os Quatro Loucos” despertou nele o desejo de seguir uma carreira musical e que o sucesso da banda impulsionou o surgimento de novos músicos, novos conjuntos musicais e a evolução do nível musical praticado em todo estado.

Alavancou todo mundo. Muita gente que não tocava, começou a tocar, começaram a aparecer muitos conjuntos. Foi tudo por conta deles. Foi bom porque começou uma disputa entre as bandas e a coisa foi crescendo, então a Paraíba cresceu muito musicalmente. Tinha tanta gente que você não tem nem ideia, sendo que umas boas e outras não. (Hugo Leão, 2024, dados da pesquisa)

De acordo com o entrevistado, “Os Quatro Loucos” foi o primeiro conjunto musical da Paraíba e o êxito alcançado pelo grupo desencadeou um processo de transformação na música produzida no estado.

“Os Quatro Loucos” deram a pancada inicial aqui. Depois vieram The Gentleman, Selenitas, Os Diplomatas, todos conjuntos de primeira ordem. A música popular paraibana cresceu muito. Começaram a surgir também os compositores. Até então, ninguém queria fazer música autoral, porque era mais fácil cantar as dos outros e muito poucos tinham inspiração para isso. Tudo isso aconteceu depois dos “Os Quatro Loucos”. (Hugo Leão, 2024, dados da pesquisa)

Na opinião do entrevistado, a formação mais marcante d’ “Os Quatro Loucos” tinha: Floriano, Golinha, Enílton e Vital Farias. Para Huguinho, a qualidade dos vocais era impressionante e perfeita, o que justifica as premiações recebidas nos concursos entre bandas, realizados em Recife-PE. “Os Quatro Loucos” superaram conjuntos do nosso estado vizinho e voltaram para a Paraíba trazendo medalhas e troféus.

As mudanças na formação do grupo, causadas pela entrada e saída de músicos, eram geralmente motivadas por questões financeiras. De acordo com Huguinho, a mesma coisa acontecia em todos os conjuntos musicais da época, pois bastava alguém oferecer um pequeno acréscimo no cachê, que os músicos migravam para o conjunto concorrente, sem pensar duas vezes.

Huguinho relata que Floriano e Golinha, como líderes, ficavam com uma parte maior dos cachês para poder reinvestir na banda, comprando equipamentos e figurinos e que esta divisão do dinheiro era apontada pelos integrantes dissidentes como justificativa para deixarem o grupo. Apesar das discordâncias, a amizade entre os músicos permanecia, tanto

que, um costumava prestigiar o show do outro para observar o nível musical e o repertório. Nessas ocasiões, sempre aconteciam muitas brincadeiras e zoações:

Nunca teve confusão não. Todos se encontravam e iam ver o conjunto do outro, para ver como estava a situação lá. Se estava bom, como era o repertório... Todo mundo ficava se falando: vai tocar hoje? Vamos lá olhar. Aí faziam piada, safadeza, né? Esse cara não sabe tocar guitarra! Isso é uma guitarra nojenta! Era muita história. Floriano desligava os amplificadores, desafinava a guitarra... O cara ia no banheiro, a gente ia lá e desafinava a guitarra. Era engraçado. Mas não tinha briga, não. (Hugo Leão, 2024, dados da pesquisa).

Hugo Leão foi guitarrista dos “Os Quatro Loucos” durante cerca de um ano, até que sentiu vontade de criar o seu próprio conjunto. Após a sua saída, Enilton assumiu o posto de guitarrista e Huguinho fundou o *The Gentleman*. Vale salientar que, mesmo se tornando concorrentes no mercado musical, Floriano, Golinha e Huguinho sempre mantiveram uma relação de carinho e amizade.

Figura 20 – Reencontro: Golinha (sentado), Hugo Leão, Floriano e Enílton



Fonte: acervo familiar.

Mais de duas décadas após o final do conjunto “Os Quatro Loucos”, diversos ex-integrantes se reuniram novamente e fizeram algumas apresentações juntos (Figura 20 e Figura 21). Huguinho relata que participou de todos os reencontros da banda, sempre com lotação esgotada por onde passaram, e que foram surgindo vários convites, até que Golinha começou a sentir fortes dores no corpo e comunicou ao grupo que não tinha mais condições de tocar bateria.

Figura 21 – Diágoras Jr, Golinha, Marcos Paiva, Hugo Leão, Enílton e Floriano



Fonte: acervo familiar.

O conjunto “Os Quatro Loucos” representa um capítulo importante da trajetória de Hugo Leão. O momento mais marcante, segundo o entrevistado, foi justamente sua estreia no grupo. “O que me marcou mais e que foi emocionante para mim, foi tocar a primeira vez com eles. Foi em um aniversário de 15 anos. Era tudo que eu queria na vida (Hugo Leão, 2024, dados da pesquisa).

Huguinho conheceu e conviveu por muitos anos com os dois lados da minha família e afirma que a musicalização realmente aconteceu” dentro de casa”, citando nomes de diversos membros das famílias Miranda e Soares que ingressaram no meio musical por influência da história construída por Golinha e Floriano.

O entrevistado relata que o surgimento da primeira banda paraibana formada somente por mulheres, “As Garotas de Ouro”, também foi por influência dos “Os Quatro Loucos”, que inclusive, emprestavam instrumentos para os ensaios das mulheres. Foram integrantes desse

grupo, a cantora Elba Ramalho, que tocava bateria, minha tia Cecília Miranda na guitarra e minha mãe, Alice Soares, nos teclados. Todas as integrantes faziam vocal na banda.

Os laços de amizade entre Golinha e Hugo Leão se renovaram na geração seguinte, já que, eu e meu irmão Elisio Neto (filhos de Golinha) e Geffe Guimarães (primogênito de Huguinho), além de sermos amigos desde a infância, tocamos juntos por alguns anos na banda Sexto Sentido, atingindo grande repercussão em João Pessoa na década de 90. Atualmente, Geffe toca violão e divide comigo os vocais de uma banda de pop/rock chamada GHOCK.

3.1.4 Poty Lucena

O músico pessoense Poty Lucena ainda era um garoto, quando seu pai, Tenente Lucena, o levou a um show dos “Os Quatro Loucos” no teatro Santa Rosa, no Centro de João Pessoa. Aos 14 anos, ver aquela apresentação reforçou seu desejo de aprender a tocar e seguir esse caminho, mas ele não imaginava que um dia faria parte da última formação daquela mesma banda. O entrevistado foi integrante dos “Os Quatro Loucos” no período final da sua trajetória, entrando como guitarrista e terminando como baixista. O convite partiu de Golinha, que, na opinião de Poty, exercia o papel de líder do conjunto.

Atualmente com 72 anos (Figura 22) o músico relata que participou de duas formações do grupo, sendo a primeira ao lado de Golinha, Floriano e Alicinha.

Figura 22 – Poty Lucena e Octavio Soares



Fonte: Octavio Soares

Após a saída de Floriano, assumiu o posto de baixista da banda e Golinha convidou “Joca” para a função de guitarrista.

Sendo assim, a última formação dos “Os Quatro Loucos” tinha apenas um de seus fundadores: Golinha, na bateria e vocal, além de, Alicinha, no teclado e vocal, Poty Lucena, no baixo e Joca, na guitarra.

De acordo com o entrevistado, “Os Quatro Loucos” foram uma grande influência musical na Paraíba, com Golinha e Floriano sendo os precursores, trazendo para o cenário local, o novo movimento que surgia no mundo.

Eles começaram a difundir aquela música... o rock em si, com as influências, os trajes diferentes, a indumentária toda, a postura... toda aquela música que vinha estourando, né? Então, nesse caso, fizeram uma disseminação daquela nova música (Poty Lucena, 2024, dados da pesquisa).

Segundo Poty, João Pessoa era uma cidade bucólica e “devagar” na época do surgimento dos “Os Quatro Loucos”. Inovações de qualquer segmento, principalmente artístico, demoravam muito tempo para chegar aqui. O músico conta que Floriano e Golinha tiveram que superar paradigmas sociais, porque existia muito preconceito em relação àquele tipo de banda, com instrumentos eletrificados.

Bastava você estar com a guitarra na mão, que já olhavam diferente pra você. Chamavam de vagabundo. Tinha esse rótulo, porque a formação musical das bandas, nessa época, ainda era à base do piano, contrabaixo (acústico), o cantor, o sax ou violino... Aí, ocorreu o *boom* do negócio, da música, do rock. (Poty Lucena, 2024, dados da pesquisa)

Apesar de sua passagem ter sido curta e na fase final da banda, Poty guarda, com carinho, muitas recordações do período. Ele conta que Golinha costumava fazer piada de tudo, principalmente com o nome da primeira banda que o entrevistado fez parte, ao lado de amigos do bairro de Jaguaribe. Poty conta que Golinha brincava sem parar e ficava dizendo: “Com vocês... The Kings”, depois soltava uma gargalhada alta que virou uma espécie de “marca registrada”, facilmente reconhecida pelos amigos a metros de distância.

Foi durante uma apresentação dos “Os Quatro Loucos”, que Poty tocou teclado em público, pela primeira vez. O músico relata que o que aconteceu naquele momento, aumentou ainda mais a admiração que sentia por minha mãe, Alice Soares. “Eu fui no teclado, me meti uma vez, porque Alicinha tinha essa gentileza. Tem uma música... London, London. Eu toquei essa música no teclado e errei na hora. E ela disse: Que nada!” (Poty Lucena, 2024, dados da pesquisa).

O entrevistado demonstra emoção relembrando o último encontro que os dois tiveram, anos depois, pouco antes do falecimento de minha mãe. Poty comenta que havia entre eles muita afinidade musical e pessoal.

Os ensaios desta última formação dos “Os Quatro Loucos” ainda eram realizados na sala do “casarão de Jaguaribe” e os shows aconteciam nas matinês dos grandes clubes de João Pessoa, no Grupamento de Engenharia e em cidades do interior do estado como Campina Grande e Pombal. As viagens eram feitas em uma Kombi, dirigida por minha avó Violeta, ou “Viola”, como relata o entrevistado.

Sua avó “Viola” dirigia a kombi da banda, era a comandante. Era ela que fazia tudo. Era a empresária e botava ordem na casa. Porque todos eram muito brincalhões, o que é normal. Então, alguém tem que botar moral, né? Senão, não anda (Poty Lucena, 2024, dados da pesquisa).

O repertório dos shows continuava sendo composto por sucessos nacionais e internacionais que estavam tocando nas rádios no momento e os integrantes também tinham espaço para inserir suas preferências individuais. Para o entrevistado, um momento marcante das apresentações era quando o casal Golinha e Alicinha se alternava, cantando os versos da música “Minha menina” de Jorge Benjor, regravada pela banda Os Mutantes.

Golinha cantava: Ela é a minha menina... e Alicinha cantava: Ele é o meu amor... Para mim, foi a que marcou mais, e London, London, que eu errei. Mas eu me lembro bem dessa música e achava “jóia” quando a gente entrava nela (Poty Lucena, 2024, dados da pesquisa).

De acordo com o entrevistado, a dissolução do conjunto aconteceu de forma natural. Os integrantes foram apenas se distanciando e seguindo novos caminhos. Foi apenas uma equipe que cumpriu sua missão e deu conta do recado. Um ciclo que chegou ao fim.

Poty Lucena conhece muitas pessoas da minha família e acredita que as ações de Golinha e Floriano estão diretamente relacionadas à musicalização que ocorreu, de maneira tão intensa, em nossas vidas.

3.2 “OS QUATRO LOUCOS” ATRAVÉS DA MEMÓRIA FAMILIAR

Neste capítulo, adentramos o mundo das memórias familiares para compreender as origens e influências que moldaram os destinos dos membros fundadores dos “Os Quatro Loucos”. Buscamos obter relatos pessoais, vivenciados durante a trajetória do conjunto, o compartilhamento de impressões sobre a relevância do grupo para a transformação do cenário musical paraibano na década de 60 e de que forma os entrevistados absorveram os reflexos do caminho trilhado por Golinha e Floriano.

As narrativas coletadas ressaltam a ousadia de Golinha e Floriano na introdução do Rock no estado da Paraíba, não apenas marcando uma época, como também abrindo portas para uma nova era na música paraibana, influenciando o surgimento de uma geração de músicos e contribuindo significativamente para a diversificação e o enriquecimento do cenário musical regional.

Nosso objetivo foi mergulhar nas narrativas e nos registros familiares, buscando compreender fatos históricos e de que forma as experiências vivenciadas no seio familiar foram absorvidas pelos entrevistados.

Para alcançar tal propósito, empreendemos uma série de entrevistas com familiares diretos dos mencionados fundadores. Destacam-se entre os entrevistados duas irmãs dos fundadores do grupo, contemporâneas do conjunto, cujas reminiscências forneceram dados valiosos sobre toda a trajetória da banda.

Também procuramos compreender como o legado d’ “Os Quatro Loucos” pode ter relação direta com o desenvolvimento de uma musicalização nas famílias Miranda e Soares, analisando o desencadeamento de dons artísticos em oito filhos mais novos dos meus avós, Alaíde e Elisio, assim como nos filhos de Golinha e Alicinha.

As memórias compartilhadas evidenciaram a importância dos laços familiares na formação de uma identidade artística. Além disso, ao analisar as trajetórias dos irmãos mais

novos e dos descendentes que seguiram carreiras profissionais na música, pudemos observar como a influência do grupo transcende as fronteiras do tempo e do espaço, influenciando escolhas e direcionando caminhos profissionais.

Portanto, este capítulo se propõe a explorar as memórias familiares como um recurso valioso para conectar passado, presente e futuro, elucidando questões sobre o universo artístico dos protagonistas desta história singular.

3.2.1 Cecília Miranda

Cecília Miranda é a primeira das 7 filhas do casal Elisio Alexandrino de Oliveira e Alaíde Miranda de Oliveira, sendo, portanto, a primeira entre as irmãs de Floriano e Golinha. Natural de João Pessoa, desde cedo, esteve atenta aos dons de alta confeitaria da mãe e desenvolveu a habilidade de transformar ambientes simples em espaços glamourosos, tornando-se uma empresária bem-sucedida no ramo de festas.

Cecília testemunhou todas as etapas do conjunto “Os Quatro Loucos”, desde o início, até os últimos momentos da banda. Ela relata que, antes do surgimento do grupo, as atrações musicais em João Pessoa eram as orquestras e conjuntos que tocavam boleros, tangos, samba e bossa-nova. O público mais jovem não se identificava com aquilo.

Você não tem noção! Na festa dos meus 15 anos, aquela orquestra tocando boleros...(risos) tinha um conjunto chamado Ademir Sorrentino que tocava estes estilos musicais nas festas. Mas aí, quando “Os Quatro Loucos” surgiram, esse cenário mudou completamente. Eles já entravam tocando Beatles, aí a festa explodia. Mudou tudo: as roupas, sapatos, pensamentos, estilo musical, as danças, coreografias, tudo motivado pelo som (Cecília Miranda, 2024, dados da pesquisa).

Para a empresária, “Os Quatro Loucos” representaram uma mudança radical no cenário musical paraibano, assim como, nos usos e costumes da juventude local. Eles iniciaram aqui um movimento cultural que revolucionou a cidade e resultou no surgimento de uma série de novos grupos como *The Gentleman*, Os Diplomatas, Santanás, Os Morcegos e muitos outros.

Aquilo que os Beatles foram para o mundo e Roberto Carlos foi para o Brasil, “Os Quatro Loucos” foram para a Paraíba, porque foi uma época simultânea e eles eram um fenômeno aqui (Cecília Miranda, 2024, dados da pesquisa).

Cecília assistia aos ensaios, dava “pitacos” em temas variados, ia para os shows dentro da Kombi com a banda. Muitas memórias permanecem intactas, como o nome completo do marceneiro que fabricou instrumentos para a banda, na fase inicial do grupo. A entrevistada relata que Floriano conheceu esse senhor, chamado Moacyr Augusto da Corte Real Pirro Cordiceira, que morava no bairro da Torre, e que ele fabricou o primeiro contrabaixo do meu tio Floriano, em formato de triângulo (ver Figura 2).

O incentivo dos meus avós foi essencial para a evolução do conjunto. Cecília relata que eles decidiram se mudar do Centro de João Pessoa para uma grande casa em Jaguaribe, que tinha um palco no meio da sala e serviu como base de toda estrutura da banda. O novo endereço ficou conhecido entre músicos e familiares como “o casarão de Jaguaribe”.

(a casa) fica na rua Cecília Miranda, em homenagem à minha avó. Na época, papai era vereador e conseguiu colocar o nome dela nessa rua. A casa era uma festa. Um casarão ainda em construção. A gente dentro dela, arrumando as coisas. Mas já tinha um palco no meio da sala e embaixo do palco eram as garagens. E eles viviam ali, com os instrumentos montados, 30 dias por mês, ensaiando, saindo dali para os shows. Mamãe fazia sopa, cuscuz, café e chegava muita gente daqui da Paraíba, músicos, amigos de colégio, amigos de mamãe... todos iam lá para ver os ensaios. (Cecília Miranda, 2024, dados da pesquisa)

A entrevistada confessa que a rotina de ensaios do conjunto dentro de casa chegou a interferir em seu desempenho escolar:

Atrapalhava muito minha vida porque eu queria estudar e não conseguia. Era um inferno. As guitarras de noite, todos naquele palco que tinha em nossa casa... não dava para estudar, então eu tinha que acompanhar a banda (Cecília Miranda, 2024, dados da pesquisa).

Entre os frequentadores assíduos da casa, a entrevistada cita Zé Ramalho, o guitarrista Dedé, Elba Ramalho que, segundo Cecília, namorou com meu tio Floriano, por um período e

destaca a presença constante de Vital Farias, que já demonstrava um talento musical acima da média.

De acordo com Cecília, “Os Quatro Loucos” se destacaram nos shows realizados nos principais bailes de debutantes, formaturas, matinais do clube Cabo Branco, além disso, quando um artista de renome nacional desembarcava em João Pessoa, era a banda de Floriano e Golinha que fazia a abertura, como na primeira apresentação de Roberto Carlos na capital paraibana, realizada no Clube Astréa.

As memórias mais marcantes do repertório da banda, são de Alicinha solando “Czardas”, Vital solando a música “O milionário” e as músicas dos Beatles, tanto em inglês, como nas versões de Renato e Seus Blue Caps e dos Fevers.

Segundo Cecília, Golinha compôs muitas músicas bonitas na época d’ “Os Quatro Loucos”, mas eram músicas românticas que não foram muito exploradas pela banda. Zé Ramalho e Vital Farias também escreveram suas primeiras composições no período em que faziam parte do conjunto. Na opinião da entrevistada, as músicas de Vital eram obras muito bonitas, mas não se encaixavam com o estilo musical da banda.

Além dos integrantes já mencionados, a entrevistada cita outros músicos que também passaram pela banda como Enílton e Marcos Paiva, destacando como formação de maior “peso” o quinteto: Floriano, Golinha, Vital, Zé Ramalho e Alicinha.

Vale ressaltar que, de acordo com as informações coletadas nessa pesquisa, Vital Farias, Zé Ramalho e Alicinha foram integrantes dos “Os Quatro Loucos” em períodos distintos da trajetória da banda.

Segundo Cecília, diferentes interesses pessoais motivaram as constantes mudanças de integrantes no grupo, mas isso não impediu que o sucesso da banda perdurasse por um longo período.

A entrevistada esteve presente em diversos reencontros da banda, inclusive no último, quando eu fiz parte da banda na guitarra e vocal, representando o meu pai, Golinha. A empresária lamenta muito o fato de restarem poucos ex-integrantes vivos e cita os grandes festivais disputados e vencidos pela banda, como memórias mais marcantes dessa trajetória.

Para ela, a semente musical plantada por Golinha e Floriano é como uma febre que “contagiu” toda família e segue “contaminando” as novas gerações.

Eles desenvolveram isso, porque é um dom que se você deixar estagnado, não sai do canto, mas se você incentiva, desenvolve, movimenta, ele vai crescer. Então eles são os grandes responsáveis, mesmo. Eu aplaudo de pé e sinto saudades (Cecília Miranda, 2024, dados da pesquisa).

Figura 23 – Cecília Miranda



Fonte: acervo de Cecília Miranda

Apaixonada por música, Cecília Miranda toca violão, piano e solta a voz nas cantorias realizadas em família (Figura 23).

3.2.2 Sânia Miranda

Sânia Miranda é a quarta, entre os dez filhos e filhas de Elisio e Alaíde. Empresária de sucesso no ramo de festas, atualmente tem 70 anos de idade e reside há muitos anos na cidade de Porto Velho, no estado de Rondônia (Figura 24).

Suas raízes estão em João Pessoa, onde nasceu e permaneceu tempo suficiente para acompanhar, bem de perto, toda a trajetória d’ “Os Quatro Loucos.

Figura 24 – Sânia Miranda



Fonte: acervo de Sânia Miranda

Sânia possui muitas memórias que foram esmiuçadas nessa entrevista. Relata que, o movimento na casa da família era sempre intenso e que, nem mesmo o nascimento de seu primeiro filho interferiu nos ensaios barulhentos do conjunto, realizados no palco que existia na sala de casa. Seu bebê se habituou a dormir, mesmo com o barulho constante dos instrumentos musicais.

De acordo com Sânia, as experiências vivenciadas no período d’ “Os Quatro Loucos” foram as melhores de sua vida e suas preferências musicais foram construídas ali. Ela se recorda que as mulheres adoravam se produzir, vestindo calças Lee boca de sino e blusinhas, para ir aos shows do conjunto nas matinais do clube Cabo Branco e do clube Astréa, principais clubes de João Pessoa, na época.

Na nossa entrevista realizada em chamada de vídeo (Figura 25), Sânia afirma que “Os Quatro Loucos” causaram um impacto muito forte no cenário musical paraibano, gerando influências por todo estado. Antes deles, os conjuntos profissionais da região não ousavam tocar aquele novo gênero musical que despontava no mundo. A banda de Floriano e Golinha

foi a primeira a realizar shows com um repertório baseado, principalmente, na banda *The Beatles*, apesar da pouca fluência dos integrantes na língua inglesa.

Figura 25 – Sânia e Octavio



Fonte: Octavio Soares

O surgimento de novas bandas, seguindo a mesma linha sonora e visual, não desagradou os fundadores d’ “Os Quatro Loucos”. Muito pelo contrário, conforme relata a entrevistada.

Eles (Floriano e Golinha) não encaravam os outros conjuntos que surgiram como rivais. Eles faziam tudo para unir, tinham amizade com os outros músicos, abraçavam os artistas paraibanos e também davam oportunidades e isso fortaleceu a cena musical da Paraíba. Em Cajazeiras, Souza, Patos, eles faziam shows naquelas festas universitárias no interior e eram bastante solicitados. Quando chegava um artista bacana, nordestino, paraibano, eles sempre botavam para cantar, botavam para tocar e eu achava isso muito bonito. (Sânia Miranda, 2024, dados da pesquisa)

O momento mais marcante para Sânia, foi a apresentação que “Os Quatro Loucos” fizeram na abertura do show de Roberto Carlos, realizado no clube Astréa. Seria a primeira

aparição do ídolo da Jovem Guarda, em João Pessoa. A entrevistada relata que aquele show mobilizou todo estado.

Eu era fã de Roberto Carlos, que estava fazendo um sucesso incrível. Achava que era uma coisa impossível, “Os Quatro Loucos” participarem daquele show. Vinha gente do interior, vinha gente tudo que é lugar da Paraíba pra assistir. Quando eu vi que estava lá na plateia, assistindo eles ali, nossa...Aquilo marcou muito para mim (Sânia Miranda, 2024, dados da pesquisa).

Sânia se recorda de muitos músicos que passaram pela banda e cita os nomes de Vital Farias, Zé Ramalho, Cecílio Ramalho, Dedé e Enilton, destacando o momento da entrada de Alicinha, que, na opinião da entrevistada, elevou ainda mais o nível musical e o status do conjunto.

A formação da banda mais relevante, segundo a entrevistada, foi a composta por Floriano, Golinha, Dedé, Enilton e Alicinha (de acordo com as informações coletadas nessa pesquisa, Dedé, Enilton e Alicinha foram integrantes d’ “Os Quatro Loucos” em períodos distintos da trajetória da banda).

Quando sua irmã Cecília comentou sobre o reencontro d’ “Os Quatro Loucos”, Sânia, que já vivia há muitos anos em Rondônia, não pensou duas vezes. Arrumou as malas e partiu, do outro lado do país, para presenciar aquela ocasião especial.

Eu cheguei a presenciar esse show. Consegui logo uma passagem para vir assistir e me emocionei muito no dia, porque passou um filme na minha cabeça. Foi lindo assistir várias vezes que eles se apresentaram (Sânia Miranda, 2024, dados da pesquisa).

Sânia afirma que a musicalização que ocorreu, em larga escala, na nossa família está diretamente relacionada à história do conjunto “Os Quatro Loucos” e ao caminho percorrido por Floriano, Golinha e Alicinha.

3.2.3 Paulinho Ditarso

Paulinho Ditarso, irmão mais novo de Golinha e Floriano, é mais um integrante da família Miranda que enveredou para a música, tornando-se um talentoso cantor, compositor e multi-instrumentista autodidata. Nascido em 1960 em João Pessoa, é o 7º filho de uma família de 10 irmãos, com, aproximadamente, 14 anos de diferença de idade para o primogênito, Floriano (Figura 26).

Figura 26 – Paulinho Ditarso



Fonte: Acervo do artista

Paulinho recorda que, aos 4 anos de idade, quando a família ainda morava na rua Duque de Caxias, a banda ainda não existia, mas já havia um ambiente bastante musical e alegre. Havia um piano em casa e Golinha e Floriano já frequentavam aulas de violão de um professor chamado Guaracy.

O surgimento e a trajetória da banda deixaram memórias que permanecem muito vivas em Paulinho. Seu depoimento trouxe dados relevantes para esta pesquisa.

“Os Quatro Loucos” devem ter começado em 65 ou 66. Me lembro da primeira formação com Golinha, Floriano, Vital Farias e Rafael. Eles tocavam no clube Astréa, faziam matinês tocando Beatles, Renato e seus Blue Caps, Roberto Carlos e músicas da Jovem Guarda. Ainda não existia contrabaixo elétrico para vender no Nordeste e me lembro que Floriano fez um contrabaixo triangular, com cordas feitas de cabo de freios de Lambreta (Paulinho Ditarso, 2024, dados da pesquisa).

Paulinho assistiu diversas apresentações da banda no Clube Cabo Branco, Astréa e no Elite Bar, na Praia de Tambaú, todos na cidade de João Pessoa. Ele comenta que a banda já estava consolidada no mercado e que eles tinham uma estrutura profissional que contava com empresário, dois *roadies* e uma Kombi própria, guiada por um motorista, que os transportava para os shows e as viagens.

Na opinião de Paulinho, “Os Quatro Loucos” foram fontes de inspiração para muitos grupos que surgiram no período. Ele comenta que a casa da família Miranda, já situada em Jaguaribe, era frequentada por intelectuais, poetas, jornalistas e músicos oriundos de diversas partes da Paraíba.

Além de seus dois irmãos que fundaram “Os Quatro Loucos”, Paulinho recordou-se de diversos ex-integrantes do conjunto como: Vital Farias, Enilton, Alicinha, Zé Ramalho, Poty Lucena, Dedé e também lembrou de nomes que ainda não tinham sido citados por outros entrevistados como: Joca Ramiro, Juca e os empresários Onaldo Mendes e Bosco “Doido”.

Outra informação relevante foi sobre a última formação da banda, sem a presença de Floriano. O entrevistado comentou que Floriano não queria mais tocar e que participou da conversa com seu substituto, Poty Lucena, deixando seu contrabaixo à disposição do músico.

Foi no início da era da discoteca e dos bailes com Djs. Nessa época, estavam inaugurando uma boate em Manaíra chamada Marrakesh. Floriano decidiu investir no ramo de sonorização e criou a empresa Grilasom. (Paulinho Ditarso, 2024, dados da pesquisa).

Na opinião de Paulinho, questões mercadológicas ocasionaram o fim d’ “Os Quatro Loucos”. Primeiramente, a ascensão da Disco Music, que transformou o mercado da música, consolidando o gênero como o novo fenômeno da música no mundo.

Por outro lado, os bailes musicais com bandas do Rock também perderam espaço para os bailes animados por DJs. Houve o evento da separação dos Beatles, de modo que o rock feito para a juventude perdeu seu impacto e espaço midiático. Foi o fim de uma era. Segundo Paulinho, o próprio Golinha, meu pai, começou a trabalhar como DJ, chegando inclusive a ter um programa na Rádio Tabajara, pertencente ao Governo do Estado da Paraíba.

Paulinho afirma que, através da trajetória d’ “Os Quatro Loucos”, Golinha e Floriano promoveram um ambiente musical familiar que despertou a sua musicalidade, somente explorada anos depois. Em 1999, mudou-se para a Europa onde desenvolveu uma carreira artística internacional, se apresentando em diversos países do continente.

Na opinião de Paulinho, seus irmãos deram início a sua musicalização:

Acredito que fui iniciado pelos meus irmãos. Meu primeiro instrumento foi um contrabaixo elétrico, já tocava um pouco de violão e depois veio a percussão, muito também por ter familiaridade com a bateria. Eu tinha toda liberdade de tocar bateria e baixo elétrico, adorava aprender os riffs das músicas do Beatles e Rolling Stones (Paulinho Ditarso, 2024, dados da pesquisa).

Podemos perceber que, apesar do músico afirmar ser autodidata, quando perguntado se foram seus irmãos que deram início à sua musicalização, admite que sim, isto é, que o ambiente familiar foi responsável por sua introdução no universo musical.

3.2.4 Diana Miranda

Também nascida em João Pessoa, Diana Miranda é a filha mais nova de Alaíde Miranda e Elisio Alexandrino, a décima, contando os homens e as mulheres.

Cantora profissional, Diana construiu uma carreira internacional e possui no currículo apresentações em diversos países da Europa. Aos 57 anos, reside atualmente na capital paraibana (Figura 27).

Figura 27 – Diana Miranda



Fonte: Acervo da artista

Chamada de “caçulinha” pelos irmãos Floriano e Golinha, Diana tinha apenas dois anos de idade quando a mãe a colocava sentada, em frente ao palco que existia na sala de casa, para assistir os ensaios dos “Os Quatro Loucos”.

A entrevistada relata que a casa da família era um verdadeiro centro cultural onde conviveu diariamente com grandes artistas paraibanos como Vital Farias, Zé Ramalho e a própria cantora Elba Ramalho, que passava férias nesse ambiente. Era praticamente impossível não ser influenciada por aquele universo musical.

(a casa) Tinha uma sala de entrada muito grande e logo depois, tinha, realmente, um palco que meu pai mandou fazer e virou o palco d’ “Os Quatro Loucos”. A mamãe botava comida lá para mim e eu ficava bem na frente, sentadinha, assistindo aos ensaios, escutando aquela música o tempo todo. Aí quando eu comecei a crescer, mais ou menos com cinco ou seis anos, aí Golinha começou a me botar para cantar, sobretudo, músicas italianas (Diana Miranda, 2024, dados da pesquisa).

De acordo com Diana, Golinha era muito “antenado” ao que acontecia na música ao redor do mundo, por isso, depois de “mergulhar” profundamente no movimento musical iniciado pelos Beatles, foi conhecendo e absorvendo também, a música francesa, italiana e norte-americana.

Por ainda ser muito nova no período, Diana não presenciou os shows do conjunto “Os Quatro Loucos”, realizados em bailes e matinês dos grandes clubes, mesmo assim, cresceu cercada por estas e muitas outras memórias do conjunto.

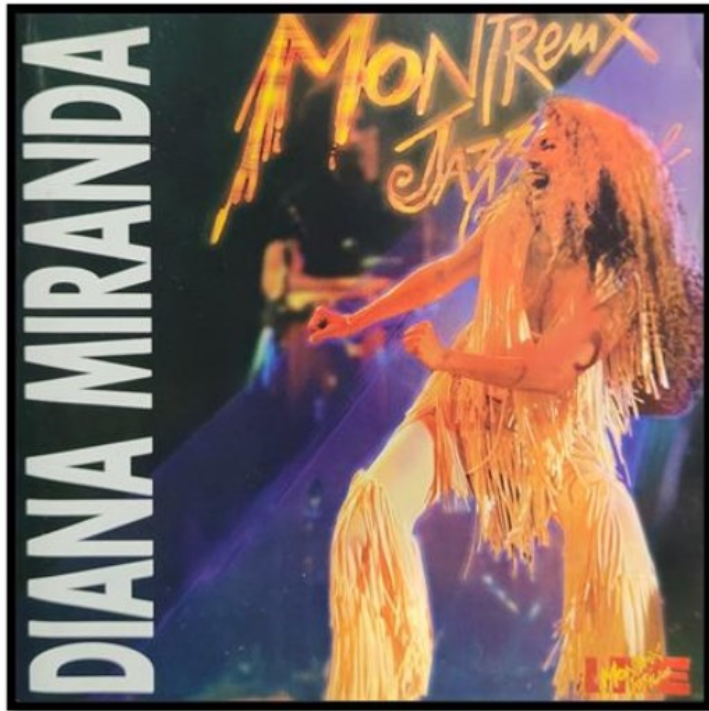
A cantora se recorda das formações da banda com Huguinho e Vital Farias, depois, com Enílton e lembra também da última formação, com Alicinha e Poty Lucena.

Diana relata que conviveu por cerca de 10 anos com “Os Quatro Loucos” e acredita que as experiências vivenciadas nesse período têm relação direta com a profissão de cantora, que exerce até os dias atuais. “Eu acho que sou cantora por causa d’ “Os Quatro Loucos”. Se eu não tivesse vivido dentro desse núcleo musical, eu acho que hoje seria outra coisa” (Diana Miranda, 2024, dados da pesquisa).

A entrevistada realmente poderia ter seguido um caminho diferente. Aos 17 anos, deixou a Paraíba para estudar instrumentação cirúrgica em São Paulo. De lá, migrou para o Rio de Janeiro, onde trabalhou como modelo, chegando a vencer o concurso “A garota dos olhos mais bonitos do Brasil”, da rede Globo de televisão. Trabalhava no programa do Chacrinha, quando o ex-apresentador a ouviu cantando no camarim e propôs lançá-la como cantora. Por pressão familiar, recusou o convite e retornou a João Pessoa. Ao completar a maioridade, retornou à São Paulo, onde conheceu e casou-se com um suíço. Ao lado do então marido, mudou-se para a Suíça onde, finalmente, iniciou sua trajetória como cantora.

De lá pra cá, Diana Miranda já gravou e lançou diversos álbuns, entre eles, um CD ao vivo no Festival de Jazz de Montreux (Figura 28), que contém músicas de autoria do seu irmão, Paulinho Ditarso. Em outros trabalhos, a cantora gravou a música “Anjo Dourado” de Golinha, além de uma versão da sua música “Novena” que, na readaptação feita por Diana, passou a se chamar “Convite ao Nordeste”.

Figura 28 – Capa do CD de Diana Miranda



Fonte: acervo familiar.

De acordo com a entrevistada, todos os membros da família Miranda, nascidos após Floriano e Golinha, possuem dons musicais. Para ela, a casa onde cresceram era como um templo, onde a música era considerada uma religião.

O que aconteceu com a gente foi uma concentração musical muito forte, onde existiam dois apoios muito importantes, que eram meu pai e minha mãe, que adoravam isso e apoiavam. Tinha piano na sala, bateria, baixo, tinha tudo armado, era só pegar o instrumento e começar a tocar. Todo mundo ali foi autodidata. Tudo que a gente escutou, a gente produziu, porque a gente vivia ali dentro. Você tinha que tocar alguma coisa, tinha que cantar alguma coisa, senão você não era da tribo (Diana Miranda, 2024, dados da pesquisa).

Diana afirma que existiu um grande incentivo dos meus avós, Elisio e Alaíde, que diziam que a música é uma das maiores terapias do mundo e que um dia eles iriam precisar dela.

3.2.5 Meu irmão Elísio Neto e eu

Elísio Neto é o primeiro filho da relação entre Golinha e Alicinha (Figura 29). Eu fui o segundo filho do casal. Nossa diferença de idade é de apenas dois anos, portanto vivenciamos experiências bem parecidas

Figura 29 – Elísio Neto



Fonte: acervo familiar.

Quando nascemos, o conjunto “Os Quatro Loucos” já não existia, porém, havia muitas memórias da banda dentro de nossa casa, através de diversos álbuns de fotografias e de todas as histórias contadas por nossos familiares (Figura 30).

Figura 30 – Eu, Zé Ramalho e meu irmão Elisio Neto



Fonte: acervo da família.

Nossos pais se separaram durante nossos primeiros anos de vida e esse acontecimento nos distanciou muito do nosso pai. Minha mãe passou a realizar mudanças constantes de endereço, levando Elisio, minha irmã e eu para morarmos em Rondônia, Alagoas e na Bahia.

Voltamos a morar em João Pessoa, definitivamente, quando eu e Elisio já estávamos na pré-adolescência. Vivemos alguns dos melhores anos da nossa vida morando no Bairro dos Ipês, na casa do nosso avô, Enaldo Soares, um verdadeiro pai para os três netos.

Por onde íamos, nos chamavam de filhos de Golinha e nos contavam histórias sobre a primeira banda de rock da Paraíba.

Golinha já havia deixado de tocar bateria e se transformado em um artista solo muito requisitado, cantando e tocando violão, com uma carreira consolidada em João Pessoa. Estava em seu segundo casamento, era uma pessoa muito querida e admirada.

O rock nacional estava em grande evidência e foi nessa época que começamos a nos interessar mais pelos instrumentos musicais que haviam em nossa casa, como o piano que havia na sala e um violão. Nossa mãe ensinou a Elisio os primeiros acordes. Eu ficava observando atentamente e depois conseguia reproduzir. Eu e Elisio passamos a comprar revistas com cifras de músicas e começamos a evoluir musicalmente, de forma autodidata.

Certo dia, fomos à casa do nosso pai e ele estava ensaiando uma música da Legião Urbana, com uma banda de grandes músicos. Eu e Elisio ficamos observando e admirando, mas percebemos que Golinha não cantava aquela música corretamente e começamos a dar dicas, demonstrando a maneira certa de cantá-la. Foi aí que ele nos convidou para uma participação especial nesse show. Subir naquele palco enorme no Busto de Tamandaré, em Tambaú, cantar para uma multidão, com a banda do nosso pai, foi uma experiência incrível.

Pouco tempo depois, eu e meu irmão já estávamos tocando em nossa primeira banda, com instrumentos emprestados por nosso pai.

Ao perceber que os filhos tinham talento e muita vontade de tocar, Golinha resolveu nos inserir em sua banda, substituindo músicos renomados no mercado. Aos 14 anos, comecei a tocar profissionalmente com meu pai e posso afirmar que foi a maior aprendizagem musical que eu e Elisio poderíamos ter tido na vida (Figura 31).

Figura 31 – Pai e filhos juntos no palco (Octavio, Golinha e Elisio)



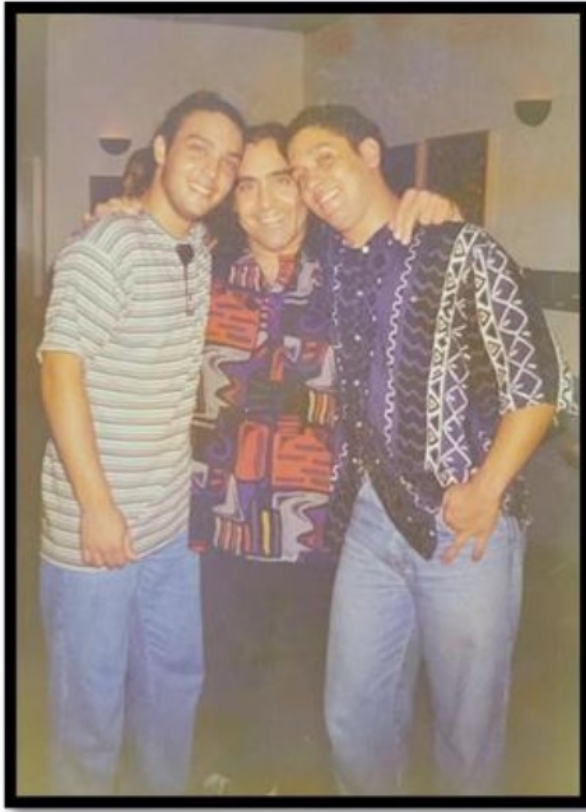
Fonte: acervo familiar

Passamos, aproximadamente, 6 anos tocando juntos, vivendo momentos inesquecíveis, como os três meses que passamos na Suíça, onde tocamos em diversas cidades, conquistando

plateias e construindo histórias de vida. Realizamos um show, somente com músicas escritas por Golinha, no Festival de Jazz de Montreux.

A música nos reaproximou do nosso pai (Figura 32).

Figura 32 – Eu, Golinha e Elisio



Fonte: acervo pessoal.

Eu e Elisio só nos tornamos músicos porque a mesma música que conectou os nossos pais, desde o período dos “Os Quatro Loucos”, sempre esteve inserida em nossa vida. Conforme depoimento de Elisio:

Eu fui musicalizado sim no seio da família, desde pequeno passando por ensaios, sempre rodeados de instrumentos musicais. Minha mãe me ensinou os primeiros acordes e meu pai me profissionalizou como músico realmente nos grandes palcos, shows, até shows internacionais. Então eu fui musicalizado sim no seio da família. (Elisio, dados da pesquisa, 2024).

Com a influência de tudo que foi realizado por nossos pais, Golinha e Alicinha e o incentivo familiar que recebemos, seria difícil seguir outro caminho.

3.3 “OS QUATRO LOUCOS” ATRAVÉS DA MEMÓRIA DE SEUS CONTEMPORÂNEOS

A elaboração de um resgate da trajetória do conjunto “Os Quatro Loucos”, através da história oral, não poderia ser considerada completa sem a inclusão de depoimentos de pessoas que não faziam parte da banda ou das famílias de seus integrantes. Por este motivo, procuramos identificar indivíduos que vivenciaram aquele período observando os fatos por outro ângulo.

Foram realizadas entrevistas com duas pessoas de origens diferentes que, durante a adolescência, fizeram parte do público d’ “Os Quatro Loucos”. Os entrevistados relataram tudo que presenciaram no período e de que forma absorveram aquelas experiências.

3.3.1 Carlos Lira

Natural de Cajazeiras, interior da Paraíba, Carlos Lira viveu a maior parte de sua vida em João Pessoa, onde se tornou músico profissional e tocou por cerca de 15 anos em “bandas baile”, até concluir a sua graduação em Química, em 1979 (Figura 33).

Figura 33 – Carlos Lira e Octavio



Fonte: Octavio Soares

Nos anos 80, ainda atuou como músico em bares badalados da capital paraibana, chegando, inclusive, a acompanhar Golinha no extinto bar Travessia. Na mesma década,

decidiu deixar os palcos para dedicar-se ao ensino de química e ao trabalho como perito químico.

Em 1964, Carlinhos Lira (como é chamado no meio musical), morava no bairro de Cruz das Armas, em João Pessoa. Naquele período, a Festa das Hortênsias era um grande evento realizado no bairro, com diversas atrações culturais em sua programação. Carlinhos relata que o seguinte comentário se espalhou pela região: “amanhã vai ter show dos *Beatles* aqui (na Festa)”. Aquelas palavras ecoaram em sua cabeça. Naquela noite, Carlinhos mal dormiu, de tanta ansiedade.

No dia seguinte, os quatro garotos que subiram ao palco tocando “*She Loves You*” e “*I wanna hold your hand*”, não vinham de Liverpool, eram “Os Quatro Loucos”: Floriano, Golinha, Vital e Cecílio Ramalho. A execução perfeita daquelas músicas impressionou tanto Carlinhos, que os detalhes do show permanecem, até hoje, em sua memória.

O entrevistado relata que “Os Quatro Loucos” marcaram a sua adolescência e ativaram a sua musicalidade, influenciando diretamente em sua decisão de se tornar um músico profissional. Carlinhos afirma que, em cada bairro foram surgindo outras bandas, em consequência do trabalho realizado pelo conjunto dos irmãos Floriano e Golinha.

Carlos Lira é mais um entrevistado a afirmar que antes do surgimento dos “Os Quatro Loucos”, o ambiente musical em João Pessoa era completamente diferente. O conjunto de destaque era o Ademir Sorrentino, os músicos usavam instrumentos característicos de orquestras e tocavam músicas de Glenn Miller e a bossa-nova de João Gilberto.

Com dezesseis anos de idade, Carlinhos já tocava guitarra em sua primeira banda. Aos domingos, ia para o Centro de João Pessoa curtir os bailes do clube Astréa, onde “Os Quatro Loucos” se apresentavam quinzenalmente. Carlinhos afirma que, em um desses bailes, o conjunto iniciou o show com uma versão em português, feita por eles, de “*I won’t belong*” dos *Beatles*.

(entrevistado canta) Não vai durar... não vai, não vai durar. Não vai durar o nosso amor...” “Isso aí marcou demais, cara. Essa música... “Os Quatro Loucos” ...Depois que eu vim saber que era uma versão de Beatles. Pelo que eu soube, era letra de Vital Farias e Floriano. Só sei que eu lembro demais. Naquela época, várias bandas brasileiras faziam versões. Eu só vi essa música sendo tocada por eles. (Carlos Lira, 2024, dados da pesquisa)

Segundo Carlos Lira, nos anos 60 e 70, João Pessoa era uma cidade dividida entre as classes sociais A, B e C. “No Cabo Branco, só tocava a banda tal. No Astréa, só tocava tal

banda. Havia uma divisão de classes e as bandas eram escolhidas de acordo com o padrão do lugar” (Carlos Lira, 2024, dados da pesquisa).

De acordo com o entrevistado, o conjunto de Floriano e Golinha agradava a todos os públicos e se encaixava em qualquer ambiente, desde Cruz das Armas até as melhores festas de debutantes e bailes do clube Cabo Branco, frequentados pela alta sociedade.

Carlinhos relata que presenciou diversas apresentações dos “Os Quatro Loucos” e se recorda de vê-los tocando, também, no Elite Bar, que ficava localizado em Tambaú.

O entrevistado consegue citar formações completas de diferentes fases da banda e até nomes de músicos que não permaneceram tanto tempo no grupo, como os guitarristas Joca, Juca e Poti, que virou baixista na última formação do conjunto. Na opinião de Carlinhos, “Os Quatro Loucos” tiveram duas formações mais marcantes, sendo uma delas com Joca na guitarra e a outra, com Alicinha nos teclados.

Segundo Carlinhos Lira, Golinha e Floriano foram precursores ao regionalizar um movimento musical mundial. Suas ações repercutiram em todo estado e promoveram uma musicalização familiar que vai continuar passando de geração para geração. O entrevistado afirma que “Ainda vão aparecer outras pessoas ali (na família). A música é infinita. As sete notas são infinitas. (Carlos Lira, 2024, dados da pesquisa)

3.3.2 Eduardo Nóbrega

Professor do Departamento de Educação Musical e Regente do Coral Universitário da Universidade Federal da Paraíba, Eduardo Nóbrega é mais um contemporâneo dos “Os Quatro Loucos” a contribuir nesta pesquisa (Figura 34).

Figura 34 – Eduardo Nóbrega



Fonte: acervo do artista

Natural de João Pessoa, aos 67 anos de idade, Eduardo afirma que falar do conjunto “Os Quatro Loucos” é como viajar no tempo, voltar a um passado que nos faz entender o presente e construir o futuro.

Segundo Eduardo, na década de 70, o Brasil vivia um período complexo, de ditadura militar. Ao mesmo tempo, a música vivia um momento singelo, através da bossa-nova e da Jovem Guarda, que, para ele é mais que um gênero musical, é um movimento que causou mudanças radicais na sociedade e na música produzida no país, através da incorporação de instrumentos eletroacústicos como a guitarra, o baixo elétrico e o teclado.

Naqueles tempos, somente as famílias de maior poder aquisitivo possuíam televisão e “radiolas”, que eram os aparelhos usados para ouvir os discos. O rádio era o principal veículo de comunicação, o único acessível à maior parte da população.

O professor Eduardo afirma que, nos bairros de João Pessoa, praticamente não existiam chances de uma boa atração musical se apresentar ao vivo.

Eduardo relata que, no princípio, o movimento da Jovem Guarda se concentrava no eixo Rio-São Paulo e os artistas faziam muitas versões de sucessos dos *Beatles*.

“Os Quatro Loucos” conseguiram um grande feito, iniciando esse movimento em João Pessoa e também fazendo as suas próprias versões. Não existia muito espaço para trabalhos autorais (o que não mudou até os dias atuais).

Eduardo afirma que o fato dos “Os Quatro Loucos” tocarem apenas versões e músicas de outros artistas não diminui a sua relevância, assim como acontece com artistas da música erudita.

Na música erudita, a gente tem composições originais, mas a grande maioria toca o quê? composições que já foram feitas e só recriam, né? É o que “Os Quatro Loucos” faziam, recriavam dando uma interpretação também individual. (Eduardo Nóbrega, 2024, dados da pesquisa)

Segundo Eduardo, o surgimento d’ “Os Quatro Loucos”, seguidos pelos Selenitas e *The Gentleman*, gerou a oportunidade de ver e ouvir música de qualidade, ao vivo.

A geração jovem passou a ter acesso a shows em diferentes localidades de João Pessoa, podendo escolher se iriam para uma matinê do clube Cabo Branco, no Miramar ou do clube Astréa, no Centro, ao clube dos Motoristas, em Jaguaribe ou à eventos em praças públicas.

O professor comenta que “Os Quatro Loucos” era um conjunto diferenciado que se destacava dos outros que existiam na região.

Primeiro, porque Floriano e Golinha eram pessoas bem extrovertidas, jovens conhecidos na sociedade, principalmente da classe média. Aí eles foram buscar pessoas como Vital Farias e Zé Ramalho, que já eram músicos bons. Se diferenciaram pela qualidade do trabalho que apresentavam, pelo instrumental, pela maneira que tocavam, utilizando roupas irreverentes feitas por uma costureira, tal qual a Jovem Guarda. (Eduardo Nóbrega, 2024, dados da pesquisa)

Segundo Eduardo, não havia diferença entre ouvir um disco com gravações originais e escutar “Os Quatro Loucos” tocando ao vivo. A qualidade musical era a mesma. O entrevistado comenta que eles marcaram uma geração e elevaram a concepção de música de qualidade em todo estado da Paraíba e até em estados vizinhos. Para ele, o conjunto de Floriano e Golinha marcou a vida de muitas pessoas da sua geração, não importando sua classe social.

Do jeito que esse grupo me marcou, marcou o dono da oficina, marcou o vigia da rua, marcou o empresário... Faça uma entrevista com qualquer pessoa que tenha a minha idade, nascida de 55, 54, 53 para cá. Pergunte sobre “Os Quatro Loucos”. Você vai ver que a resposta é igual. (Eduardo Nóbrega, 2024, dados da pesquisa)

O entrevistado reforça a representatividade do conjunto, afirmando que:

Não é um conjunto qualquer. Por exemplo, se você perguntar para mim: Eduardo, me cite aí, um dos componentes do *The Gentleman*, que era um ótimo conjunto também. Rapaz... eu não sei. Mas se você disser, me cite aí, um dos componentes d’ “Os Quatro Loucos”. Com certeza, qualquer pessoa da minha época vai dizer pelo menos dois, porque esse grupo ficou marcado. (Eduardo Nóbrega, 2024, dados da pesquisa)

O professor afirma que “Os Quatro Loucos” despertaram sua musicalidade e tiveram influência direta em sua decisão de se tornar músico.

Esse movimento que eles fizeram mudou um pouco a concepção de vida do jovem. Porque a gente não via isso aqui ao vivo. A gente ouvia pelo rádio, mas pelo rádio a gente usa a nossa imaginação. Então quando você começa a ver as pessoas que são da sua classe social, com uma música bacana, com uma vestimenta bacana, com qualidade musical, isso fica guardado dentro da gente. E com certeza na hora de decidir a minha profissão, que foi logo em seguida, com 16 anos eu já comecei a estudar música, eu tenho certeza absoluta que fui influenciado, sim, pelo “Os Quatro Loucos” (Eduardo Nóbrega, 2024, dados da pesquisa).

O caminho acadêmico o transformou em um professor universitário que trabalha com a música erudita, porém, o entrevistado afirma que sua trajetória poderia ter sido muito diferente.

Hoje você tem o curso de guitarra na universidade. Se na época houvesse um conservatório aberto, que tivesse guitarra, quem sabe eu não tivesse me interessado pela música popular. (Eduardo Nóbrega, 2024, dados da pesquisa)

Eduardo ressalta o poder da música feita com qualidade e com o coração. Para ele, essa música não morre, assim como o conjunto “Os Quatro Loucos” não morreu. As pessoas morrem, Floriano, Golinha e outros ex-integrantes morreram, mas o trabalho realizado por eles permanece vivo em sua memória.

4 DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos objetivos desta pesquisa foi esclarecer as dúvidas e polêmicas sobre a primeira formação d' "Os Quatro Loucos".

As entrevistas realizadas com ex-integrantes, incluindo Vital Farias, que fez parte da primeira formação, apontam que, na primeira formação, o quarteto era formado por Golinha (bateria), Floriano (baixo e vocal), Vital Farias (violão e vocal) e o quarto integrante era um amigo chamado Lindolfo, que morava nas redondezas. Não existem registros fotográficos desta primeira formação. Vital Farias ainda cita a passagem de um peruano chamado Ricardo Moretti que cantou com o grupo em algumas apresentações.

A formação que vemos na Figura 35 foi a primeira a ter registros fotográficos, com Golinha (bateria), Floriano (baixo e vocal), Vital Farias (violão e vocal) e Rafael Holanda (vocal).

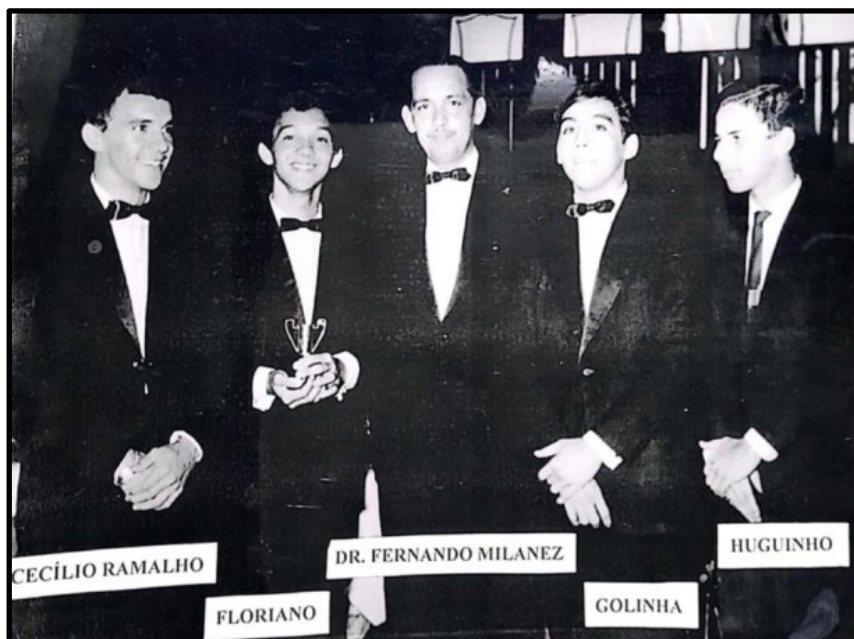
Figura 35 – Um dos primeiros registros do conjunto "Os Quatro Loucos"



Fonte: acervo familiar.

A formação seguinte teria apenas uma mudança, Cecílio Ramalho no lugar de Rafael Holanda. De acordo com Vital Farias, Huguinho que aparece na foto abaixo, ainda não era integrante do grupo (Figura 36). Vital não se recorda o motivo de não estar nesta fotografia.

Figura 36 – “Os Quatro Loucos” recebem premiação



Fonte: acervo familiar.

Na sequência, o guitarrista Cecílio Ramalho sofre um acidente e vem a falecer. Em seu lugar, entra o guitarrista e vocalista Hugo Leão (Figura 37).

Figura 37 – Golinha (em pé), Floriano, Vital Farias e Hugo Leão



Fonte: acervo pessoal de Hugo Leão.

Um ano depois, Huguinho deixa a banda para fundar o *The Gentleman* e Enilton é escolhido como o novo guitarrista dos “Os Quatro Loucos”. Para muitos, essa é a principal formação do conjunto (Figura 38).

Figura 38 – Formação com Vital, Enílton, Golinha e Floriano.



Fonte: acervo familiar.

Após as saídas de Enílton e Vital Farias, Zé Ramalho e Dedé passaram a integrar a nova formação, ambos como guitarristas (Figura 39). Esta formação também atingiu muito reconhecimento e passou por momentos considerados o ápice da banda, como a abertura do primeiro show de Roberto Carlos na Paraíba, realizado no Clube Astréa.

Zé Ramalho já se destacava como um músico de grande talento e potencial, além disso, compôs as suas primeiras composições naquele período. O guitarrista Dedé foi citado por muitos entrevistados como um músico de destaque por sua técnica apurada na guitarra e no *backing vocal*.

Figura 39 – Formação com Golinha, Dedé, Zé Ramalho e Floriano.



Fonte: acervo familiar.

Com o avanço da tecnologia, as bandas de Rock passaram a incluir os teclados com seus sons de sintetizadores em suas formações. “Os Quatro Loucos” acompanharam esta evolução e passaram a contar com o tecladista Diágoras Júnior em sua nova formação (Figura 40).

Figura 40 – Formação com Zé Ramalho, Golinha, Floriano e Diágoras.



Fonte: acervo familiar

A formação seguinte teve a entrada de Poty Lucena e Alice Soares. “Os Quatro Loucos” tornaram-se assim, o primeiro conjunto de Rock de João Pessoa a ter uma mulher como integrante oficial (Figura 41).

Figura 41 – Formação com Golinha, Poty Lucena, Floriano e Alicinha



Fonte: acervo familiar.

Alicinha, na época, estudante das Lourdinhas enfrentou uma série de preconceitos pois, naquela época, era muito difícil para moças que quisessem tocar em conjuntos musicais, pois teriam que tocar nos finais de semana e em horários noturnos. Ela enfrentou essa situação pelo amor à música e à Golinha (baterista) o qual era seu namorado e com quem casou-se e teve três filhos (Elisio Neto, Octavio Soares e Anna). (SOUSA, 2022, p. 7)

Contrariando informações existentes anteriormente a este trabalho, descobrimos que esta não foi a última formação da banda e que existiu mais uma formação, sem a presença de Floriano. Poty assumiu o baixo da banda durante esta última formação, que ainda contava com Golinha na bateria e Alicinha nos teclados e vocal. Como observado anteriormente, a última formação dos “Os Quatro Loucos” tinha apenas um de seus fundadores: Golinha, na bateria e vocal, além de, Alicinha, no teclado e vocal, Poty Lucena, no baixo e Joca, na guitarra.

Pudemos compreender, através dos dados, a influência exercida pela banda nos anos 1960, no contexto artístico local. Sendo esta questão de pesquisa, que podemos responder da seguinte forma:

Considerando o impacto significativo do conjunto musical “Os Quatro Loucos” no cenário musical paraibano, é inegável a sua contribuição para o desenvolvimento e difusão da cena musical local. O grupo foi o precursor de um movimento que combinava influências dos *Beatles* e da Jovem Guarda, traçando um novo caminho sonoro, estético e comportamental para a região. O sucesso alcançado pela banda liderada por Floriano e Golinha, evidenciou a relevância da criatividade artística local, favorecendo a evolução cultural da Paraíba. O trabalho realizado pelo “Os Quatro Loucos” serviu como inspiração para o surgimento de diversos outros conjuntos musicais que aderiram à mesma proposta visual, comportamental e sonora, assim como, inspirou outros jovens daquela geração a ingressarem no caminho artístico.

“Os Quatro Loucos” não apenas deixaram sua marca na conjuntura musical paraibana, como também contribuíram para o enriquecimento e a vitalidade do panorama musical da região. Através desta investigação da trajetória do conjunto “Os Quatro Loucos”, a partir da história oral de ex-integrantes e contemporâneos, conseguimos compreender não apenas o impacto do grupo no âmbito da música produzida no estado naquele período, mas também contextualizamos sua história de maneira mais abrangente e autêntica.

Por meio das narrativas e memórias compartilhadas pelos ex-integrantes e pelos contemporâneos do conjunto, obtivemos registros valiosos e detalhes enriquecedores que não seriam acessíveis de outra forma. Essas histórias pessoais oferecem uma nova perspectiva sobre a jornada artística e as experiências vivenciadas pelo grupo, permitindo reconstruir de maneira mais fiel a carreira dos “Os Quatro Loucos”. As informações coletadas nesta pesquisa atingem o objetivo proposto de reconstruir uma história que, em pouco tempo, poderia cair em esquecimento e disponibilizá-la ao público que, porventura, tiver interesse. Obtivemos registros que nos permitem o entendimento sobre a importância e influência do conjunto no contexto musical e social da Paraíba. A interação com as vozes daqueles que testemunharam diretamente a trajetória da banda acrescenta nuances, emoções e detalhes que enriquecem esta narrativa, tornando-a mais profunda e significativa.

A herança musical deixada pelos idealizadores da banda “Os Quatro Loucos”, Floriano e Golinha, junto com a contribuição de Alice Soares, tem sido um legado inspirador para a minha família. A obra desses talentosos músicos, meus pais, desencadeou um processo de musicalização familiar, que continuou a se renovar a cada nova geração dos integrantes das

famílias Miranda e Soares. É fascinante observar como a paixão pela música e o talento artístico foram transmitidos de maneira tão vívida e impactante dentro dessas famílias. A influência de Floriano, Golinha e Alicinha não se limitou apenas ao sucesso da banda “Os Quatro Loucos”, mas reverberou através dos anos, inspirando e impulsionando os descendentes a seguirem o caminho da música com dedicação e criatividade. Inclusive, no ano de 2019 tive a oportunidade de participar de uma homenagem prestada à banda, onde representei o lugar de meu pai (Figura 42) ao lado dos músicos Marcos Paiva - Guitarra e Vocal; Floriano Miranda - baixo e Vocal; Doda - Guitarra e Carlos Neves – Bateria.

Figura 42 – Homenagem ao conjunto “Os Quatro Loucos”, o autor representando o pai



Fonte: acervo familiar.

Essa continuidade de talento e devoção à música nas famílias Miranda e Soares não apenas fortalece os laços familiares, mas também enriquece a cena musical local, com novas expressões artísticas e sonoras. A tradição musical estabelecida pelos pioneiros da banda continua a florescer e evoluir.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena Wendel. **Cenas Juvenis**. São Paulo: Página Aberta, 1994.
- ALBERTI, Verena. **Indivíduo e biografia na história oral**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000.
- BRANDÃO, Antônio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes. **Movimentos Culturais de Juventude**. 14. ed. São Paulo: Moderna, 1995.
- FERREIRA, Marieta De Moraes. **Entre-vistas**: abordagens e usos da história oral. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994. v. 1, p.1-12.
- FRANCO, Martinho Moreira. Esses jovens maravilhosos e suas máquinas barulhentas. **Jornal Correio da Paraíba**, 1968.
- GROPPO, L. A. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Coleção Enfoques (Sociologia). Rio de Janeiro: Difel, 2000.
- PEDERIVA, Ana Bárbara Aparecida. **Anos dourados ou rebeldes**: juventude, territórios, movimentos e canções nos anos 60. 2004. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, São Paulo, 2004. p. 16.
- RAMOS, Eliane Batista. Anos 60 e 70: Brasil, juventude e rock. **Revista Ágora**, Vitória, p.1-20, 2009.
- SOUSA, José Roberto Araújo. **História dos Conjuntos e Orquestras nos 60 anos de Bailes no Estado da Paraíba**. Olinda: Livro Rápido, 2022.
- THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado**: história oral. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- ZÉ RAMALHO. O herdeiro de Avohai. [Brasil]: Eliro Produções. Filme Documentário. Diretor: Elinaldo Rodrigues, 2007. 1 vídeo (2h16min28seg). Publicado pelo canal Zé Ramalho. Disponível em: <https://youtu.be/zzCa7bhiBPk?si=l0kGjZqwPA3yITuz>. Acesso em: 20 mar. 2024.

APÊNDICE A – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Antes de começar a entrevista:

- Termo de consentimento e dados pessoais

1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - declaro que li o esclarecimento acima e compreendi as informações que me foram explicadas sobre a pesquisa. E autorizo o uso dos dados desse questionário, ficando claros para mim, quais são os objetivos da pesquisa, a forma como vou participar os riscos e benefícios e as garantias de confidencialidade e de esclarecimento permanente. Ficou claro também, que a minha participação não tem despesas nem receberei nenhum tipo de pagamento, podendo retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem penalidades ou prejuízos (se for o caso / ao meu cuidado, ao meu tratamento e ou assistência na instituição etc...).

☐ Concordo voluntariamente participar desse estudo.

☐ Não concordo

Após a concordância do entrevistado, seguir com a entrevista.

Nome do entrevistado:

Faixa etária:

Gênero:

Cidade e estado de nascimento

PERGUNTAS:

1. Qual a sua relação com o conjunto os 4 loucos? (quando nasceu a banda ainda existia?)

Ainda havia muita memória sobre a banda no meio da família?

2. Na sua opinião, o que a banda representou para a música paraibana?
Quais consequências?

3. A banda gerou alguma influência em você? (preferências musicais, interesse por música ou por se tornar músico, alguma mudança comportamental...)

3.1 Qual repertório vc lembra que era tocado pela banda? (tinha algo autoral?)

4. Você esteve em algum baile musical animado pelos 4 loucos? Comente esta experiência?

5. De quais integrantes você se recorda?

6. Em alguma formação específica?

7. Você esteve em algum reencontro da Banda?

8. Quando lembra dos 4 loucos, existe algum fato ou uma memória mais marcante para você?
9. Me fale um pouco de como era a João Pessoa no tempo dos 4 loucos?
10. Sobre o movimento musical da época, você pode falar um pouco?
11. Após o surgimento dos 4 loucos, esse movimento musical mudou de alguma forma? Como?
12. No âmbito familiar, como você pode explicar a conexão da família Miranda/Soares com a música?
13. Musicalizar é: (definição de musicalização) Você acredita ter sido musicalizado no seio da família? Explique.

Separar algumas fotos para mostrar e perguntar qual memória vem à mente ao olhar aquela imagem.

ANEXO – MATÉRIA DO JORNAL CORREIO DA PARAÍBA DE 1968

Ésses Jovens Maravilhosos e Suas Máquinas Barulhentas

Texto de MARTINHO MOREIRA FRANCO

Fotos de MANOEL CLEMENTE



Vivemos na segunda metade do século XX. Um veículo espacial norte-americano já pousou na superfície da Lua, duas cápsulas russas executaram automaticamente, nos cosmos, uma delicada operação de engate e desengate, o dr. Barnard, na África do Sul, comandou um fantástico transplante de coração humano. Enquanto isso, aqui na Paraíba, num Festival de Música Popular, meia dúzia de pessoas não admitem a classificação de uma composição que, durante sua apresentação, recebeu os mais calorosos aplausos de uma platéia entusiasta. Motivo: um dos autores da música interpretou sua criação acompanhada de um conjunto de **16-16-16**. Atrofia mental? Ou estrabismo intelectual? De qualquer maneira, um caso patológico.

Quando o som metálico das guitarras elétricas invadiu o Teatro Santa Rosa, o público não se conteve: a vibração sacudiu poltronas e camarotes, embalados sob o ritmo trepidante do **16-16-16** — **grá, grando, mulher...** Mas os cegos e surdos de espírito encararam aquilo como uma profanação, um sacrilégio. Alguns chegaram ao cúmulo de considerar a composição uma obra tropicalista (?...) Outros viram plágio de **Alegria, Alegria**, acusando os autores de papel carbono do Caetano Veloso. O mais curioso, no entanto, é que opiniões dessa natureza partem justamente de pessoas que vivem posando de evoluídas, progressistas e esclarecidas. No fundo, como se vê, são uma gente quadrada, conservadora e profundamente mal informada. Defendem o regionalismo numa época em que a universalidade das formas de expressão artística se impõe através do aperfeiçoamento cada vez mais acentuado dos meios de comunicação. Ignoram, portanto, que **Gramulher** sintoniza a tendência mais avançada da universalização da canção popular sem se afastar das suas raízes nacionais mais autênticas. Estão vivendo muitos anos atrás. Pode-se pôr em discussão o valor da composição sob o ponto de vista da sua estrutura melódica ou da qualidade dos seus versos, mas negar sua **brasilidade** é burrice pura e simples. Caso não bastassem os aplausos do grande público, aí está o parecer da Comissão Julgadora para demonstrar que mais fortes são os poderes da inteligência.

Mas pergunta-se agora: será que **Gramulher** teria conseguido a mesma penetração sem o apoio das guitarras elétricas? E, afinal de contas, quem são aqueles quatro rapazes que todo mundo conhece?

OS QUATRO LOUCOS SÃO DOIS

A rigor, os quatro loucos em questão são apenas dois: Floriano Miranda e Elísio Jr.. Evidentemente, o conjunto não resistiria sem a participação dos outros elementos. Seria um absurdo sustentar tamanha aberração. Mas é que a paternidade e a sobrevivência do grupo são produtos dos esforços dos primeiros.

No começo, Elísio Jr., o baterista — utilizava duas tampas de caçarola para marcar o compasso, Vital Farias tocava violão simples, Floriano e Rafael batiam palmas. Isso em 1963. Em meados do ano seguinte, nasce o **The Four Crazy's**: Floriano — guitarra baixo, Vital Farias — guitarra-solo, Rafael — croner e Golinha na bateria. Com a saída de Rafael, entrou um novo elemento com um instrumento novo: Diágoras Jr. — guitarra-ritmo. Os ritmistas, por sinal, sempre permaneceram pouco tempo no conjunto. Diágoras Jr. foi substituído sucessivamente por Cecílio Ramalho, Hugo Guimarães Jr. e Enilton Araújo. Em 1966, **The Four Crazy's** passou a ser chamado de **Os Quatro Loucos**. Ficou mais bacana. Foi com este nome e com Golinha, Floriano, Enilton e Vital Farias que ele atravessou sua fase mais brilhante. No I Festival de



A VOLTA NO GIRO

Mas Golinha e Floriano trabalhavam em silêncio. José Ramalho, que integrava **Os Demônios** veio tocar guitarra-ritmo. José Airton (Dede), que nunca para em conjunto nenhum, assumiu o comando da guitarra-ritmo e é a grande revelação do conjunto. Um solista extraordinário. Também o único introvertido do grupo. Os outros são eternos brincalhões, Floriano e Golinha por excelência. A idade média é de oito anos. Ensaivavam e ensaiavam. Com equipamento moderníssimo que vale quase quinze mil cruzeiros novos. E sob orientação de Raul Córdula, o pintor: "Procuro apenas criar uma nova mentalidade, mais consequente, entre eles. Afastá-los do **16-16-16** padronizado para um tipo de coisa mais séria. A experiência está dando certo".

Quando Carlos Aranha acabou de compor **Gramulher** pensou em fazer um arranjo para acompanhamento à base de guitarras elétricas. Seu parceiro — e irmão — concordou. **Os Quatro Loucos** ensaiaram e ensaiaram. Diariamente. A bomba explodiu no II Festival Paraibano de Música Popular. E os estilhaços caíram sobre cabeças sãs e doentes. Dai os aplausos e os apupos. Uma **reentrêe** monumental: simbiose espetacular: o ritmo genuinamente brasileiro marcado por instrumentos que sustentam todo tipo de música nacional. "O que se viu foi a evidência de um fenômeno tipicamente contemporâneo: a quebra total de preconceitos em benefício da comunicação". Quem depõe é Raul, para esclarecer os incautos.

OS NOVOS GIROS

Os planos do conjunto são meio ambiciosos. Mas todos eles revelam sintomas de uma evolução bastante expressiva. No repertório vai entrar de tudo: bossa-nova, samba tradicional, rumba e, naturalmente, **16-16-16**. Música de protesto também. E mais ainda: música clássica, em concertos adaptados aos instrumentos do grupo. O maestro Arlindo Teixeira será o responsável pelos arranjos. Por enquanto, os ensaios se sucedem com frequência. Presenciei um ou dois e achei tudo formidável. A execução de **Soy Louco Por Ti, América** está simplesmente excepcional. **Tropicalia e Canzone Per Te** são outros pontos altos nesta nova fase. As propostas já começam a criar problemas de tempo para saudar os compromissos. E as idéias nascendo: o conjunto vai fazer uma apresentação em homenagem ao "Beatles", ocasião em que se serão executadas composições de Lennon & Mc Carney. Novamente Raul Córdula: "A nossa preocupação se prende também ao problema da **comunicação visual**. Por causa disso, estamos preparando um guarda-roupa bem funcional que possa mesclar extravagância e sobriedade com o máximo de bom-gosto. Uma questão de equilíbrio de cores. Este é um ponto fundamental".

"Não queremos ser apenas diferentes, por estocação. Absolutamente. O nosso objetivo é alcançar um nível superior de qualidade de som e execução. Não nos move nenhuma pretensão de aparecer como tais. Nada disso. Acompanhamos a evolução dos tempos. Com vontade de fazer sempre o melhor. Só isso". E Floriano quem fala. Sua expressão, por alguns momentos, chega a ser grave. Depois, já descontraído, volta a sorrir. E a gargalhar com toda a força dos seus pulmões. Golinha brinca com José Ramalho. E Dede sempre calado, tristonho. Diz que sempre foi assim. E balinha, sua estatura não denuncia o grande solista que é. Raul finaliza: "Estamos experimentando, por enquanto. Mas tenho certeza de que, dentro de muito pouco tempo, os bons frutos serão colhidos".

Jovem Guarda do Nordeste, realizada em Recife, arrebatou quatro prêmios: primeiro lugar em vocal, segundo na classificação geral, primeiro prêmio em instrumentária e primeiro prêmio em coreografia. A harmonia impressionava. A força rítmica era admirável. Festa com **Os Quatro Loucos** obteve êxito na certa. Pelo menos uma atração já estava garantida. Mas uma crise interna afastou dois baluartes do conjunto: Vital Farias, que abandonou seu instrumento, e Enilton Araújo que engajou em "The Gentlemen". E, durante muitos meses, ninguém mais ouviu falar nos meninos.

CP
-2-

Adido, 4 de maio de 1968
de 1968